

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ELEMENTOS DE BIBLIOTECONOMIA. I A BIBLIOTECA SOB O PONTO DE VISTA HISTÓRICO-LITERÁRIO.

VIANA, Mário Gonçalves

Ano: 1948 | Número: 58

---

### Como citar este documento:

VIANA, Mário Gonçalves, Elementos de Biblioteconomia. I A Biblioteca sob o ponto de vista histórico-literário. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 231-287.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# ELEMENTOS DE BIBLIOTECONOMIA

## PARTE I

### A biblioteca sob o ponto de vista histórico-literário

**Súmula linguística.** O vocábulo *biblioteca* não é uma palavra simples. Resulta da fusão de dois elementos gregos: *biblion* <sup>(1)</sup>, livro; e *thékê* <sup>(2)</sup>, caixa, armário, lugar onde se guarda alguma coisa.

Sob o ponto de vista etimológico, e na sua essência, *biblioteca* significa *sala ou lugar onde se guardam livros*.

Foi por sinédoque que este termo passou a designar o próprio conjunto dos livros.

Com o decorrer dos tempos, o vocábulo começou a aplicar-se, por extensão, a outras ideias:

a) Edifício onde se encontram, devidamente classificados, catalogados e à disposição do público, livros variados;

b) Coleção de obras publicadas por uma casa editora ou por qualquer entidade pública ou particular, em obediência a uma determinada directriz. Considerada sob este aspecto, a *biblioteca* poderá destinar-se a estudar certos problemas ou simplesmente

---

<sup>(1)</sup> Atente-se que, primitivamente, *biblion* era o mesmo que *papyrus*. Era uma espécie de junco, que servia de papel. A palavra *Bíblia* é o plural de *biblion*, e significa, portanto, *livros*. Com efeito, a *Bíblia* é um conjunto de livros históricos, sapienciais, etc.

<sup>(2)</sup> Com este mesmo elemento se têm formado, modernamente, numerosas palavras, tais como: *pinacoteca*, *filmoteca*, *cinetea*, *discoteca*, *mapoteca*, *hemeroteca*, etc.

a interessar qualquer público especial. E assim teremos, respectivamente, por exemplo: *Biblioteca Pedagógica*, *Biblioteca Agrícola*, *Biblioteca infantil*, etc.

c) Armário onde se arrumam os livros. Este último significado é, porém, condenado pelos bons autores, que recomendam, de preferência, a palavra *estante* <sup>(1)</sup>.

Antigamente, também se usava, com o sentido de biblioteca, a palavra *livraria*, embora referindo-se especialmente a colecções de carácter particular. Duarte Nunes de Leão diz, por exemplo, que *D. Afonso V foi o primeiro que fez livraria em seus paços* <sup>(2)</sup>. Por seu lado, o P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes também emprega a palavra *livraria*, referindo-se a colecções particulares, e também atribuindo-lhe um sentido genérico, como se pode depreender do seguinte passo: «Outros pelo contrário tiveram pouca estimação, e ainda ódio declarado contra as *Livrarias*» <sup>(3)</sup>.

O P.<sup>o</sup> António Vieira designa pelo termo *livraria* a biblioteca da Companhia de Jesus, do Colégio de Coimbra, e a biblioteca do Palácio Real, de Lisboa <sup>(4)</sup>.

(1) Lacerda escreve: «Deve advertir-se mais que em França se chama também *biblioteca* ao que nós chamamos *estante*, quer seja grande, quer pequena, fechada ou aberta, com livros ou sem eles; acepção que não pode admitir-se na linguagem portuguesa por causa da homonímia».

(2) In Duarte Nunes de Leão, *Crónica de D. Afonso V*, cap. 69.

(3) P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes, *Nova Floresta*. Volume V, Título I (Ignorância, Ciência), I.

Aliás, encontram-se, no passado, frequentes referências a *Livrarias*, às quais nós chamaríamos, hoje, bibliotecas: *Livraria da Mesa Censória*, *Real Livraria de Mafra*, etc.

(4) Eis os passos respectivos, extraídos das *Cartas* (Lisboa, 1854):

«Como para ela me eram necessários os livros, tomei por minha conta a disposição de toda esta *livraria*, que está hoje mui melhorada na ordem e concôrto que não tinha, e se descobriam nela muitos autores, principalmente antigos, que não só estavam encobertos, mas perdidos em tanta confusão». (P.<sup>o</sup> António Vieira, *Carta a D. Rodrigo de Meneses*, Coimbra, 3 de Março de 1664). «Na *livraria de el-rei* há um comento do abade Joaquim sobre o Apocalipse...» (P.<sup>o</sup> António Vieira, *Carta a D. Rodrigo de Meneses*, Coimbra, 14 de Abril de 1664).

No entanto, actualmente, distingue-se entre *biblioteca* e *livraria*. Ambas as palavras indicam cópia ou aglomeração de livros e de obras afins, mas se a ideia geral é comum aos dois vocábulos, o certo é que eles diferem, entre si, em pormenor. Biblioteca é uma reunião de livros classificados para consulta e estudo; livraria é apenas um armazém ou multidão de livros. Os dicionários são, a este respeito, concordes. Moraes, por exemplo, explica:

«Posto que usados frequentemente como se tivessem idêntica significação, há entre eles uma diferença. *Biblioteca* quer dizer precisamente caixa, armário, casa em que se depositam livros, e se conservam ordinariamente em certo arranjo. *Livraria* quer dizer precisamente multidão de livros: é esta a energia da sua terminação. Daqui vem que o guarda da casa dos livros encarregado do seu arranjo, etc., se chama *bibliotecário*, e não livreiro, dando-se este último nome ao que tem multidão de livros para vender. Se um viajante (...) levasse em suas viagens uma caixa com alguns livros para lhe servirem ao estudo, ou ao entretenimento, poderíamos dizer que levava consigo uma biblioteca, e não uma livraria» (1).

**Súmula histórica.** Muito tempo antes da era cristã, já existiam bibliotecas. Nas ruínas de Nínive foi descoberta, por Layard, e identificada, a Biblioteca de Assurbanípal, rei dos Assírios, cujos livros eram em tijolos.

Isto prova que, desde a mais remota Antiguidade, se cuidou de guardar as obras literárias ou científicas, que iam aparecendo, para evitar que, com o seu desaparecimento, se perdessem os esforços dos homens de Letras e dos sábios.

Como o homem não pode reter tudo de memória, recolhe, nas bibliotecas, os livros, que constituem a

---

(1) António de Moraes Silva, *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6.<sup>a</sup> edição... Lisboa, 1858.

A mesma distinção se encontra denunciada no *Dicionário dos Sinónimos* (...) da *Língua Portuguesa*, por J. I. Roquete e José da Fonseca. Paris, 1869.

expressão da ciência de cada época, atribuindo à palavra ciência o seu mais amplo significado.

A biblioteca do Museu de Alexandria, por exemplo, é bem o símbolo dessa ânsia humana (que vem de longe) de não perder nenhuma parcela das conquistas do saber.

Se a História não mente, o bibliotecário do Museu, de Alexandria, impunha, a todos os viajantes que entravam, no Egipto, com livros, a obrigação de os confiarem ao Museu, afim de ali serem copiados, mediante uma indemnização ao seu proprietário. Afirmam alguns autores que, por este processo, aquela famosa Biblioteca chegou a ter 400.000 volumes, onde estava reunido todo o saber da época (!).

Os romanos, apesar do seu espírito prático, não deixaram de organizar bibliotecas, revelando, assim, culto pelo livro. A' medida que ocupavam os diversos países, levavam para Roma as bibliotecas que neles encontravam. Paulo Emilio levou a do rei Perseu, da Macedónia, e Sila, a de Apelicon, de Teos.

Ático organizou, ele próprio, uma biblioteca, e César encarregou Varrão de criar uma biblioteca pública. Depois, apareceram, sob Augusto, as bibliotecas Octaviana e Palatina.

Todos os grandes patrícios possuíam bibliotecas, e muitos havia que ocupavam parte dos seus escravos como copistas de livros.

Os árabes tiveram famosas bibliotecas, algumas das quais atingiram centenas de milhares de volumes, se os números não estão errados (?).

Os cristãos também começaram, logo nos primeiros tempos, a organizar bibliotecas, principalmente nos mosteiros, abadias e conventos. Atribuem-se a um monge do século XIII as seguintes palavras bem expressivas:

«Um mosteiro sem biblioteca é um castelo sem braço; a nossa livraria é o nosso braço. Dali tira-

---

(!) Vidê *História Universal*, de César Cantu; *Compêndio de História da Civilização*, de Ch. Seignobos; etc.

(?) Citaremos as do vizir Ibn-Abad, séc. X (114.000 vols.), do califa espanhol Mostanser-al-Haken (400.000 vols.), dos últimos Fatimitas, do Cairo (1.100.000 vols.), etc.

mos a sentença da lei divina, que atiramos como flechas contra o inimigo. Ali tomamos a couraça da rectidão, nos cobrimos com o elmo da salvação, abraçamos o escudo da fé, e cingimos a espada do espírito, que é a palavra de Deus" (1).

Os soberanos também não se esqueciam de criar bibliotecas. Em França, Carlos, o Sábio, estabeleceu uma, na torre grande do castelo do Louvre. Tinha, inicialmente, 920 livros manuscritos, que se arrumavam horizontalmente, nas prateleiras.

Em Portugal, não faltavam, nos Mosteiros, as bibliotecas. Desde o começo da Monarquia que, junto das escolas monásticas, havia livrarias para uso dos mestres e dos escolares.

E depois que os reis criaram, dentro do paço, livrarias, tudo leva a crer que os grandes fidalgos, dados às letras, lhes seguiriam o exemplo.

D. João I reuniu uma livraria, aumentada por D. Duarte, e tão melhorada por D. Afonso V, que foi tida como *a primeira do seu tempo* (2).

A partir de então, as bibliotecas multiplicaram-se: *com tal exemplo propagou-se o gosto do livro e notáveis livrarias particulares e monásticas se formaram* (3).

A par das bibliotecas das casas fidalgas, que muitas vezes as franqueavam ao público (4), foram surgindo as bibliotecas das Arcádias, das Academias e das Universidades.

Algumas dessas bibliotecas, porém, eram mais aparatosas do que instrutivas. Visavam mais à ostentação do que à cultura. Havia fidalgos e grandes senhores que acumulavam livros, mais por vaidade ou por mania, do que por amor às letras ou às ciências.

(1) In Afrânio Peixoto, *Noções de História da Educação*. S. Paulo, 1933.

(2) Vidè *Évora gloriosa; Provas da História Genealógica; História da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga; *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva (Tomo II), etc.

(3) In Carlos de Passos, *Da Academia de la História de Madrid, Guia Histórica e Artística do Porto*. Porto, 1935.

(4) Tal é o caso dos viscondes de Azevedo e Balsemão, que, no Porto, franqueavam, aos estudiosos, a sua biblioteca do palacete da Feira das Caixas, ou Praça dos Ferradores (Praça Carlos Alberto).

O que lhes interessava eram as encadernações e não o valor intrínseco das obras.

O próprio público leitor não criou, verdadeiramente, o culto e o respeito pelo livro. Camilo, escrevendo ao 1.º Conde de Azevedo, em 6 de Junho de 1873, dizia-lhe, com aquele sarcasmo tão próprio do seu modo de ser: «Está V. Ex.<sup>cia</sup> a recear outra vez que lhe petrolizem a rica livraria. Não sei donde lhe vem a razão do susto, quando a Europa retrocede a grandes passos para a monarquia, protectora dos livros velhos e dos velhos usos. Se por desventura, em Portugal, se conflagrasse uma revolução popular, eu recearia mais que me roubassem a adega do que a livraria» (1).

Em muitos casos, o público frequentador das bibliotecas nem sequer sabe ler as obras que requisita, fazendo, nelas, toda a espécie de anotações, desenhos, riscos, cortes, etc. No fim do século passado, escrevia Angelina Vidal, referindo-se à Biblioteca Nacional de Lisboa: «Muita gente imagina que por ser *do público* qualquer coisa, *o público* tem direito de lhe causar estragos. Há livros na Biblioteca Nacional cujo estado de enxovalho revela tristemente terem caído em mãos que só excepcionalmente travam relações com a água limpa. (...) tem sido tal o abuso e o vandalismo de alguns indivíduos que se tornou necessário pôr-lhe cobro. (...) De resto, as bibliotecas são pouco frequentadas em relação ao movimento da população...» (2)

Este mal de ontem, ainda continua a ser um mal de hoje. Há muitas bibliotecas, mas há pouca gente que verdadeiramente saiba ler, sem prejudicar os livros, nem os desvalorizar. E até as próprias obras preferidas denunciam, não raro, um nível de leitura pouco elevado, como o testemunham as respectivas estatísticas (3).

(1) In *Cartas inéditas de C. C. Branco ao 1.º Conde de Azevedo*, coordenadas, anotadas e seguidas de traços biográficos... etc., pelo 2.º Conde de Azevedo. Coimbra, 1927.

(2) Angelina Vidal, *Lisboa Antiga e Lisboa Moderna*. Lisboa, 1900.

(3) Atentemos, ao acaso, na estatística referente ao ano de 1941, no que diz respeito às seis bibliotecas municipais de Lisboa

**Quadro de especificação** (1). Os problemas de terminologia têm sempre grande importância. Não é possível dominar uma ciência ou uma arte sem conhecer o significado, tão exacto quanto possível, das palavras que, de qualquer modo, lhe dizem respeito, quer directa, quer indirectamente.

Ora assim como acontece às outras técnicas, também a biblioteconomia tem vocábulos próprios, que interessa conhecer. Citaremos, especialmente, aqueles em que aparece, como elemento básico, o elemento grego *biblion*.

Comecemos pela palavra *bibliofilia*, que significa *amor aos livros*. Bibliófilo (2) será, pois, o amigo dos livros, aquele que reúne colecções instrutivas e valiosas (as obras raras, luxuosas e as edições «princeps»), com entusiasmo e interesse, aquele que *ama o livro integralmente, apaixonadamente*, como acentua Joaquim Leitão: «Conhece história literária, dentro dos valores tem preferências, procura as edições que lhe assegurem a pureza dos textos, e além das edições «princeps», acompanha as reedições consoante as suas posses. Quando paga um livro raro, antes de o abrir acaricia-o com a ternura que Anatole France observou e descreveu para caracterizar um bibliófilo da sua galeria, e que eu observei num livreiro de Paris quando mostravam a um cliente uma terceira edição do «Molière» pela qual se pedia apenas 140.000 francos. O bibliófilo é o sibarita, que emparelha com «gourmet» (3).

(Central, S. Lázaro, Alcântara, Poço do Bispo, Boa Vista, Duque de Loulé). Os leitores foram 117.834 e os volumes consultados foram 182.002. O maior número de leitores foi de estudantes: 87.118. E quais foram as obras mais lidas? Em 1.º lugar, figuram os jornais: 108.005; a seguir vem a literatura (romance, novelas, aventuras) com 66.756 volumes, e depois a queda é vertiginosa: ciências e artes: 4.315; história e geografia: 1.470, etc.

(1) Em Pedagogia, designa-se por *quadro de especificação* o resumo esquemático referente a um determinado assunto. Aplicamos, aqui, a referida designação, apresentando, a propósito, algumas das principais palavras que se relacionam com a biblioteconomia.

(2) Antes de se usar a palavra bibliófilo (*biblion* = livro + *filos* = amigo), havia-se usado o termo *filobíbio*, que caiu em completo desuso, embora constituído pelos mesmos elementos.

(3) Joaquim Leitão, *Bibliófilos e Bibliómanos*, in *Jornal de Notícias*. Porto, 26 de Outubro de 1938.



Está claro que a bibliofilia degenera, muitas vezes, em *bibliomania*. O bibliomaniaco é um fanático: ama o livro pelo livro, não o lê: apenas o conhece pelo título, rosto e data. Colecciona os livros pelo gosto de juntar livros, com a paixão cega e indomável do avaro. A história anedótica do livro lembra, a este respeito, um bibliomaniaco, que ficou célebre, de nome Henri Boulard. Era um notário parisiense, que, no fim da vida, apenas se consagrou aos livros:

«Em 1808 passou o notariado ao filho e deu-se todo à sua paixão pelos livros. Numa semana percorreu todos os livreiros de Paris e todos os alfarrabistas, para comprar livros por metros cúbicos que pagava a cem francos por metro cúbico. Tornou-se o mecenas dos alfarrabistas. Todos os dias voltava para casa carregado de livros. Usava uma imensa sobrecasaca com duas amplas algibeiras atrás, para poder meter dois volumes in 4.º, e diversas outras algibeiras na frente que levavam dúzias de volumes in 8.º. A dificuldade era encontrar espaço em casa para armazenar tanto livro. O próprio quarto de cama fôra invadido, barricado de papel impresso, mal havendo estreitas passagens do corredor para o leito, e outra para a janela. A mulher para pôr dique àquela cheia de livros propôs-lhe que catalogasse a biblioteca antes de comprar mais livros. Ele concordou. Mas perdeu o apetite, entrou a emagrecer e de pachorrento tornou-se irascível. Depois, começou a entrar tarde em casa, e ou não aparecia para jantar ou comia à pressa e abalava logo. Chegou a passar noites fora de casa. A mulher futurou que, tendo-lhe coartado a liberdade de se entregar à paixão dos livros, ele não obstante a sua idade procurasse distrair-se com qualquer paixão mais perigosa.

«Ora, o sr. Boulard era proprietário de cinco prédios em Paris e a criada encarregada de o espiar avisou a senhora de que o patrão frequentava justamente um desses prédios. A mulher louvou-se, como todas as ciumentas, da sua perspicácia. Nunca ela se enganara. Se o marido não parava em casa era porque se encontrava melhor noutra qualquer. E, tirando-se dos seus cuidados, foi à dita casa, interrogar o porteiro que muito em segredo lhe revelou não haver inqui-

linos no prédio. Estava cheio de livros, até aos tectos. A boa da senhora respirou. E deixou de espiar o marido. Os outros quatro prédios acabaram também por ser despejados de moradores e passaram a ser armazéns de livros.

«Quando morreu o pobre maniaco legou à família 800 mil volumes, a mais rica biblioteca privada de Paris. Cento e cinquenta mil volumes não prestavam para nada: foram vendidos a peso. Os restantes 650 mil volumes foram catalogados e a venda deles levou cinco anos; de 1828 a 1833» (1).

Há diferença, pois, entre *bibliófilo* e *bibliómano*, não de essência, mas de grau de intensidade. Muitas ocasiões, a bibliofilia degenera em bibliomania. E por isso, o bibliómano pode ser um homem ilustrado, um escritor, um investigador, sequioso de encontrar documentos e temas para os seus trabalhos. Camilo classifica-se a si próprio, sem desdouro, de *bibliómano* (2). Qualquer destes indivíduos, porém, sente gosto em mostrar as suas colecções, experimenta vaidade em ter obras raras, que mais ninguém possua, e não oculta o facto. Antes pelo contrário, faz gala em mostrar as suas bibliotecas. Já outro tanto não acontece com o *bibliótafo*. Esta palavra significa *enterrador de livros*. Quer dizer: o bibliótafo adquire livros, reúne colecções preciosas, mas não revela a ninguém as obras que possui; guarda-as como num túmulo, e de tal forma que a ninguém aproveitam; oculta-as à vista de todo o mundo. Daqui se conclui que um *bibliófilo* ainda poderá ser um razoável bibliotecário, ao passo que nunca um *bibliótafo* deverá desempenhar tal cargo.

E', igualmente, contra-indicado para o exercício destas funções o *bibliólata* (3), que gosta de se ver cercado de muitos livros, mas sem os ler, nem os compreender.

Conta-se que Beautrau, quando esteve em Espanha, visitou a magnífica biblioteca do Escorial, que ao

(1) Joaquim Leitão, *Bibliófilos e bibliómanos*, in *Jornal de Notícias*. Porto, 26 de Outubro de 1938.

(2) Camilo, *Introdução*, in *A Brasileira de Prazins*.

(3) De *biblion* = livro, e *latha* = esquecimento.

tempo era dirigida por um bibliotecário ignorante. O monarca espanhol quis, entretanto, saber a opinião do visitante, e este respondeu-lhe:

— A biblioteca é maravilhosa... Mas V. Magestade devia entregar, ao Bibliotecário, a administração dos dinheiros públicos.

— Porquê? — inquiriu o rei, surpreendido.

Beautrau limitou-se a dizer:

— Porque o vosso Bibliotecário é um homem que não toca no depósito que lhe é confiado! (1)

Este bibliotecário pertencia ao grupo caracterológico dos *bibliólatas*.

A par do culto silencioso do livro, há também o culto exibicionista, ao qual se chama *bibliolatria*. Este amor ao livro é puramente exterior, formal, sem fundo.

Há, neste mundo, o amor desinteressado, mas também há o amor interesseiro. Àquele que reúne livros para vender, chama-se-lhe *bibliópola*, porque o elemento grego *polein* significa vender (2).

Não há, porém, amor que não encontre sentimento oposto. A bibliofilia, contrapõe-se a *bibliofobia*, que é o horror aos livros, doença bastante generalizada, embora sob disfarces vários. Além, porém, do horror passivo aos livros, há o horror activo, caracterizado pelo gosto de os estragar e destruir. Chama-se-lhe *biblioclastia*, e este inimigo dos livros é designado por *biblioclasta*.

Como se sabe, há ladrões de tudo, até mesmo de livros. A bibliofilia e a bibliomania podem levar ao roubo, e nesse caso o bibliófilo ou bibliómano é, além disso, *biblioclepta*.

Como é óbvio, o homem, quando ama os livros, é levado, naturalmente, a estudá-los, a procurar conhecer a sua história, título, datas das edições, lugares de impressão, editores, valor real, etc. Esta ciência é

(1) Vidê *Colecção por ordem alfabética de escolhidas anedotas* (...) compiladas por P. d'A. Barata. 2.ª edição. Lamego, 1892.

(2) Castilho usou este vocábulo: «Já achaste editor? Quem é o *bibliópola*?» (Castilho, *As Sabichonas*, III, 5).

designada por *bibliognosia* <sup>(1)</sup> ou *bibliognóstica*, e o seu cultor por *bibliognosta*.

No entanto, a palavra mais generalizada, neste capítulo, é o vocábulo *bibliografia*, que se universalizou para designar a descrição e conhecimento dos livros, no que se refere a edições, papel, tipo, assuntos, autores, seu valor intrínseco ou material, etc. O *bibliógrafo* deveria, portanto, conhecer línguas, cronologia, história, técnicas de impressão, criteriologia, etc.

Os problemas teóricos da bibliografia são estudados pela *bibliologia*, a qual fixa as regras fundamentais daquela. A bibliologia formula e concebe: a bibliografia realiza e escreve.

Já sabemos que os livros podem sofrer estragos, não só sob a acção do tempo, mas também por imprevidência, ignorância ou maldade dos homens. Por isso, torna-se necessário, muitas vezes, repará-los. Como se designa esta arte? Chama-se *bibliátrica* <sup>(2)</sup> à arte de restaurar os livros. Mas também existe um outro vocábulo referente à restauração de livros preciosos, *bibliuguiância* <sup>(3)</sup>, vocábulo que foi ideado por Vialard e Hendier, mas não obteve aceitação.

**Conceito de biblioteconomia.** A palavra biblioteconomia resulta da fusão de três elementos: *biblion*, livro; *thékê*, caixa, e *nomos*, regra, lei.

Por consequência, a biblioteconomia poderá definir-se, ao pé da letra, como o conjunto de regras tendentes à classificação, catalogação, arrumação e conservação dos livros, nas bibliotecas.

Como é fácil de compreender, antigamente não havia, a bem dizer, bibliotecónomos. O que superabundava eram guardiões de livros, que se limitavam a conservá-los — quando os conservavam! — como reliquias ou tesouros.

A expressão, *pó das bibliotecas*, que se tornou de uso corrente e quase proverbial, não era uma figura

(1) O vocábulo parece ter sido imaginado por J. Rive. Vide Peignot, *Dictionnaire raisonné de bibliologie*. *Gnosés* significa conhecimento.

(2) Atente-se que *atrékê* significa medicinal.

(3) Note-se que *hygiants* significa: cura, restauração.

de retórica. As bibliotecas guardavam-se, mas nem sempre se sabiam usar. Conta-se que uma senhora estrangeira, de alta categoria e de espírito jocoso, referindo-se a uma notável biblioteca de certa nação europeia, teria proferido a seguinte frase metafórica: *E' um serralho, cuja guarda está confiada a um eunuco.*

Com o rodar dos tempos, compreendeu-se que as bibliotecas são, ou devem ser, um instrumento de cultura, sempre ao alcance do leitor.

Para isso, é preciso que sejam dirigidas e orientadas por alguém que tenha um mínimo de conhecimentos acerca do livro considerado em si e acerca da sua classificação e metódica arrumação na biblioteca.

Esses conhecimentos são fornecidos pela biblioteconomia, que implica:

1.º Conhecimento da bibliotecografia, ou descrição das bibliotecas;

2.º Conhecimento da história do livro;

3.º Conhecimento da história das bibliotecas;

4.º Conhecimento das técnicas de impressão e de encadernação dos livros;

5.º Conhecimento do sistema de classificação e de catalogação dos livros;

6.º Conhecimento dos métodos de arrumação dos livros;

7.º Conhecimento dos métodos de conservação dos livros;

8.º Conhecimento de todas as ciências que dizem respeito aos livros, tais como: diplomática, esfragística (1), etc.;

9.º Conhecimento dos princípios essenciais de arquivologia;

10.º Conhecimento das regras fundamentais de administração, referentes à organização interna dos serviços de secretaria, estatística, etc., das bibliotecas.

---

(1) Assim é designado o estudo dos selos, carimbos, sine-tes, etc.

## A missão das bibliotecas

**As bibliotecas antigas.** Noutros tempos havia, é certo, muitas bibliotecas, algumas notáveis; mas a sua orgânica deixava algo a desejar. A preocupação dos criadores de bibliotecas consistia em reunir, por vezes sem discriminação, o maior número possível de livros, geralmente encadernados, e alinhados em longas estantes de madeira.

Essas bibliotecas eram *armazéns* ou *depósitos*, onde, no dizer de Afrânio Peixoto se amontoavam, *livros coleccionados para a destruição* (1).

Os bibliotecários nem sequer cumpriam, a rigor, a missão de conservadores, porque, na realidade, não conseguiam, ao menos, *conservar em bom estado* as obras que lhes eram confiadas à sua guarda (2).

A maior parte das obras que davam entrada nas bibliotecas nunca mais eram consultadas ou abertas. Durante longos anos dormiam o sono dos justos, alinhadas nas prateleiras, de onde ninguém as tirava: «Que pena tenho desses pobres bibliotecários — escreve ainda Afrânio Peixoto —, apenas funcionários, que avaramente guardam os seus livros para as traças; eles, às vezes sábios, porém sábios inúteis e inutilizáveis, e seus livros imprestáveis, estéreis, nas suas estantes empoeiradas onde a imobilidade os mata, antes de os matar a vermina... Bibliotecas, cemitérios de livros...»

As bibliotecas eram mais para se ver e admirar, do que para nelas se ler e estudar. Encadernavam-se

(1) In Afrânio Peixoto, *Ensinar a ensinar. Ensaio de Pedagogia aplicada à Educação Nacional*. 2.<sup>a</sup> edição. S. Paulo, Rio de Janeiro, Recife, 1937.

(2) Atente-se, por exemplo, no que revela Lino de Assunção: «E quando não queriam comprometer os que danificavam os livros, até se atribuía aos raios, o que era obra da mão do homem. As freiras da Conceição de Beja entretiveram-se a cortar as folhas e margens de um exemplar da *Vita Christi*, em pergaminho, provavelmente para fazerem caixinhas». (Lino de Assunção, *Histórias de frades*. Lisboa, 1900).

os livros, às vezes com luxo, para se mostrarem, aos visitantes, muito arrumados e iguais. Havia, quase sempre, uma sala onde se agrupavam obras raras, bonitas ou belas. Era essa sala que se mostrava aos visitantes ou forasteiros. O resto ficava, sistematicamente, por ver e era nos outros compartimentos que se amontoavam os livros apodrecidos e corroidos pela traça. Inicialmente, algumas bibliotecas antigas tinham, com certeza, certa organização <sup>(1)</sup>, mas, com o decorrer dos tempos, a disciplina afrouxava e, à falta do conveniente rigor, começava a perder-se a respectiva linha condutora: entrava nelas a desordem. Ramalho Ortigão afirma que no cartório, no arquivo e na *livraria* do Mosteiro de Alcobaça reinava, ao dealbar do século XIX, uma *enorme e inextricável confusão* <sup>(2)</sup>.

Era vulgar, quando se procurava um livro, ouvir esta afirmação:

— Na verdade, deve existir... Eu ouvi falar, nessa obra, ao antigo bibliotecário, mas não sei onde está!

Outras ocasiões, a resposta era diversa:

— Essa obra existiu, mas desapareceu há muito tempo!

Para além das salas de leitura, às vezes espectaculares e até sumptuosas, acumulavam-se montanhas de livros não catalogados. O fim dessas colecções atiradas, em promiscuidade, para qualquer sala escusa tornava-se inevitável. Uma parte era devorada pelos insectos, outra parte era levada sub-repticiamente pelos amadores de livros ou por empregados cavilosos.

No que diz respeito ao movimento de leitores, as bibliotecas antigas eram organismos semi-mortos. Apenas as procuravam alguns raros eruditos ou amigos de antiguidades, que nelas iam ocupar, calmamente, algumas horas desocupadas. Envelhecia-se no meio

---

<sup>(1)</sup> Com efeito, um dos capítulos das *Constituições Gerais* da Congregação beneditina tratava da organização da sua biblioteca, determinando que os livros deviam ser bem guardados, bem seleccionados e inventariados por ordem alfabética.

<sup>(2)</sup> Ramalho Ortigão, *As Farpas. A vida provincial*. 5.<sup>a</sup> edição. Lisboa, 1926.

de livros velhos. Eram sempre as mesmas pessoas que frequentavam a biblioteca, para lerem e rerelem os mesmos livros.

Esta concepção de biblioteca-depósito de livros está irremediavelmente condenada. Os livros não estão, ali, para se mostrarem a visitantes curiosos ou a excursões desinteressadas; os livros lêem-se, não se exibem como objectos de museu arqueológico. Chavigny tem razão, ao afirmar que *a acumulação de documentos não é um fim, na vida, é um meio; o fim verdadeiro consiste em usá-los* <sup>(1)</sup>.

**As bibliotecas actuais.** Se as bibliotecas não devem ser um simples depósito, estático e silencioso, de livros, ¿ que devem ser, então?

Actualmente, contrapõe-se à antiquada ideia do armazém de livros, a concepção de que a biblioteca é um instrumento de trabalho e de cultura. Já houve quem lhe chamasse *a universidade dos autodidactas*, mas o certo é que ela não se limita a servir aqueles que se formam por si próprios: serve também, de um modo essencial, os que estudam nas diversas escolas e os que têm cursos e diplomas. Afrânio Peixoto asvera que *a Biblioteca é a Faculdade mais importante das que constituem uma Universidade*.

De facto, para o homem compreender e sentir a vida, torna-se necessário debruçar-se sobre os livros das bibliotecas, onde se acumula a história milenária da Humanidade. Tudo quanto se pensou, concebeu ou realizou até hoje está, ali, inventariado, e tudo quanto o homem contemporâneo possa fazer depende do estudo e da interpretação da ciência expressa nos livros.

Por isso, as bibliotecas são, quando bem utilizadas, verdadeiros *focos de cultura*. Em vez de cemitérios ou necrópoles de livros, mudos e herméticos, as bibliotecas, de hoje, devem ser *laboratórios*.

---

(1) In *Organisation du Travail Intellectuel* (...) par le Docteur P. Chavigny, Médecin général de l'armée, Professeur à la Faculté de Médecine de Strasbourg. Nouvelle édition entièrement refondue. Paris, 1936.



Considerando o problema sob este aspecto novo, podemos esquematizar, do seguinte modo, as funções atribuíveis a qualquer biblioteca:

1.º *Despertar o gosto pelas boas leituras.* Uma biblioteca, na qual os leitores preferem, por sistema, as piores obras, mostra-se incapaz de atingir a sua finalidade, porque — como afirma Crozet — *a função de uma biblioteca consiste em espalhar o gosto pelas coisas do espírito, e em fazer despertar as vocações científicas* (1). A biblioteca não deve limitar-se a fornecer, passivamente, os livros que lhe são requisitados: deve fornecer indicações ao leitor, deve esclarecê-lo sobre a nocividade de certas leituras, deve marcar-lhe novas directrizes, quando veja que ele vai por mau caminho. Quando um determinado leitor requisitar sistematicamente livros imorais, desonestos, perversos, etc., convirá *estudar aquele caso*, afim de verificar: idade do leitor, carácter, estado, profissão, preparação anterior, comportamento actual, objectivo das referidas leituras, e mais elementos susceptíveis de fornecerem o psicograma de cada frequentador habitual. Conforme as conclusões a que se chegar, assim convirá agir, de modos diversos. O essencial é que a biblioteca não se transforme, nem degenerem num instrumento de perversão ou de deseducação.

2.º *Despertar o gosto pelo trabalho pessoal.* Uma biblioteca bem organizada não deve fornecer, ao leitor, todos os elementos de que ele careça; deve orientá-lo no sentido de ele aprender a procurar e a achar, por si, os instrumentos de trabalho de que qualquer indivíduo necessite. Langlois chega a afirmar que, quando os catálogos são muito completos e extensos, *é preferível ignorá-los, a perder, lendo-os, um tempo que se empregaria mais útilmente a produzir* (2). A ciência já mastigada e digerida tem sérios inconvenientes, porque pode aniquilar o espírito de originalidade. Quando se trata de leitores incipientes ou deficientemente trei-

---

(1) In Léo Crozet, de la Bibliothèque Nationale (...), *Manuel Pratique du Bibliothécaire*. Nouvelle édition. Paris, 1937.

(2) In Langlois, *Instruments de la bibliographie pédagogique*. *Questions d'histoire et d'enseignement*. Paris, 1902.

nados, compete ao bibliotecário fazer apelo à iniciativa individual, limitando-se o funcionário respectivo a fornecer sugestões ou informes, capazes de provocarem o entusiasmo pelo trabalho de autodidaxia.

3.º *Fornecer elementos para o investigador.* O erudito e o estudioso devem ser orientados de modo diverso do estudante ou do leitor vulgar. Tratando-se de investigadores, que, geralmente, se interessam por um determinado problema, torna-se necessário proporcionar-lhes todos os esclarecimentos susceptíveis de os guiarem nos seus trabalhos, indicando-lhes, muitas vezes, documentos ou obras que eles desconhecem, ou até pequenas citações ou referências, perdidas em revistas científicas, em jornais antigos, em incunábulos, etc. Para realizar esta finalidade, torna-se indispensável que a biblioteca possua catálogos bem elaborados, em função da sua categoria e dos objectivos que pretende atingir. Da verificação deste facto, resultou Otero ser levado a afirmar que *toda a biblioteca necessita de uma ideia central e directriz, no que diz respeito à sua estrutura interna, pois, sem ela, haverá montanhas de livros, mas nunca uma biblioteca* (1).

4.º *Fornecer obras de consulta.* Nem toda a gente pode possuir ou adquirir todos os livros de que carece em dado momento. Há, por vezes, livros antigos e raros, que estão fora do mercado. Além disso, há obras extensas, de dezenas de volumes, que, ou pelo seu preço ou pelo espaço que ocupam, só raros podem adquirir: Dicionários completos, Enciclopédias, etc. Por outro lado, há a referir a profusão, cada vez maior, de opúsculos, separatas, revistas ou jornais, que só numa biblioteca podem encontrar-se. E já não falamos em mapas, atlas ou gravuras, que, não raro, interessa consultar, analisar ou até fotografar.

A Biblioteca deve estar sempre em condições de fornecer os elementos bibliográficos mais diversos, aos investigadores e eruditos que os procuram.

5.º *Ocupar as horas de lazer dos amadores de livros.* Há muita gente que não sabe distrair-se, e que

---

(1) Sebastián Morey Otero, *Introducción, in Catálogo Metódico de la Biblioteca Central* (Tomo I). Montevideo, 1930.

não sabe procurar, nas horas livres, uma biblioteca, onde, no meio de um silêncio reparador, encontre livros que o distraiam ou o divirtam honestamente. Esta é uma das missões mais delicadas e mais importantes das bibliotecas, pois o leitor vulgar, o leitor das horas vagas, é mais difícil de atrair do que o leitor culto. O investigador e o estudioso procuram as bibliotecas, ao passo que o leitor ocasional, o leitor desinteressado, não a procura: é preciso que o atraiam a ela. Como? De que maneira? Diversos são os meios a que se pode recorrer, desde as conferências e cursos versando assuntos literários ou bibliográficos, até às sessões de cinema. O essencial é manter contacto permanente com o público. Muitas vezes, convirá ir até junto dele, como se procede em alguns países, onde as bibliotecas dispõem de pessoal, que vai, aos diversos estabelecimentos de ensino, realizar palestras sobre as suas colecções bibliográficas, métodos de leitura, obras de consulta, etc. (1). Convém, todavia, acentuar que não basta que o leitor vá um dia, a qualquer biblioteca; é indispensável que ali vá diversas vezes, *para adquirir o hábito da leitura em comum*. Ora a fixação deste hábito depende da maneira como o leitor for acolhido nos primeiros dias, em que ele se sente como que um «intruso», como que um «desconhecido», no meio dos leitores já familiarizados com o ambiente da sala. Chavigny acentua que, em muitos casos, torna-se necessário frequentar qualquer biblioteca durante vários dias, e com certa assiduidade, para o leitor começar a ser acolhido como pessoa conhecida (2). Da forma benévola e simpática como o leitor for acolhido, nos primeiros dias, dependerá, pois, a sua atitude futura. A Biblioteca repeli-lo-á, se não souber proceder com simpatia e delicadeza; atraí-lo-á, a si, se o acolher com estima e sem reservas excessivas, sem demoras irritantes e sem dificuldades

---

(1) Vidè *Canadá. Manual Oficial das condições actuais e dos progressos recentes*. Ottawa, Canadá.

(2) Vidè *Organisation du Travail Intellectuel (...)*, par le Docteur P. Chavigny. Nouvelle édition entièrement refondue. Paris, 1936.

ou complicações reveladoras de má organização dos serviços.

6.º *Desenvolver o senso crítico.* Quando uma biblioteca está organizada em bases científicas, pode contribuir para vencer o primarismo de certas culturas dogmáticas ou insuficientes, proporcionando-lhes a leitura de obras que encarem os problemas sob vários aspectos, e não sob um único. Ao bibliotecário, que apareça nas salas de leitura e que converse com os leitores habituais, fácil lhe será lembrar-lhes ou sugerir-lhes a leitura desta ou daquela obra, de modo discreto e amável. Se o bibliotecário ganhar a confiança do leitor, acabará por arejar-lhe o espírito, desde que a sua inteligência seja capaz de compreender, e não esteja fossilizada.

Em suma: as bibliotecas devem, actualmente, e de um modo geral, cumprir três funções essenciais: *função educativa, função social e função cultural.*

**As secções das bibliotecas.** Para que a biblioteca seja um verdadeiro laboratório ou centro de cultura viva, torna-se necessário não ficar limitada a uma colecção sistemática de livros, classificada melhor ou pior num extenso e monótono catálogo geral. A monofonia abafa o interesse, e fatiga. A par de um *fundo geral*, torna-se necessário criar *fundos especiais*, susceptíveis de interessarem às diversas categorias de leitores, que porventura se dessedentem, habitualmente, na respectiva biblioteca. Quer dizer: é indispensável agrupar os livros, dar-lhes vida, pô-los em condições de poderem ser vistos com facilidade.

Consideremos alguns destes fundos:

a) *Bibliotáfio.* Esta será a secção das obras raras e preciosas, cuja leitura só deverá ser proporcionada em condições especiais. Esta secção é comumente designada por *Reserva* ou *Secção dos reservados*.

b) *Secção dos manuscritos.* Quando os haja, convém que estejam catalogados à parte, em função da sua natureza especial, para tornar mais fácil a respectiva consulta.

c) *Secção de gravuras.* As gravuras tanto podem figurar num museu, como numa biblioteca. No primeiro, expõem-se; nesta última, guardam-se, para as

proporcionar a quem deseje estudá-las, copiá-las, fotografá-las, etc.

d) *Secção de fotografias.* Esta secção tem um extraordinário interesse para o erudito, pois, muitas ocasiões tanto a gravura como a fotografia são complemento do livro. A imagem elucida o estudioso acerca dos mais variados assuntos, tais como: paisagens, monumentos, trajos, mobiliário, iconografia, etc. (1).

e) *Secção de mapas.* O estudo da história e da geografia, nos seus múltiplos aspectos, não pode ser convenientemente efectuado sem mapas bons e bem conservados. Toda a biblioteca de categoria devia possuir uma secção de mapas e atlas, o mais variada possível, com uma sala onde os mesmos pudessem ser consultados, em mesas amplas.

f) *Secção de publicações.* O público de revistas e jornais é, normalmente, um público especial. Além disso, a classificação das publicações periódicas exige cuidados próprios, para ser bem feita, e poder servir devidamente os leitores. Finalmente, o jornal, pelo tamanho que às vezes tem, ocupa mais espaço do que o livro vulgar, e exige manuseamento especial. Daí, a necessidade evidente de uma secção organizada em bases adequadas, com índices analíticos, referentes aos autores dos artigos e aos títulos e assuntos, dentro — está claro — da medida do possível. A não se proceder assim, uma grande parte da colaboração de revistas ficará inútil e morta, dentro das suas páginas.

g) *Secção de catálogos.* Nas bibliotecas modernas, usa-se separar os catálogos, quer bibliográficos, quer comerciais e industriais, visto que estes volumes possuem um interesse especial, para efeitos diversos: organização de bibliografias, estudos económicos (preços, cotações, produtos característicos de cada época, etc.), história da indústria, história da publicidade, etc.

h) *Inferno.* Recebe este nome a secção onde se agrupam as obras pornográficas, imorais ou sob qual-

---

(1) Em 1944, foi criado, em Beja, junto da Biblioteca Municipal, um arquivo de fotografias, desenhos, gravuras e estampas (Vidè *Arquivo de Beja*. Outubro-Dezembro de 1944).

Eis, aqui, um exemplo que seria desejável fosse imitado.

quer aspecto perigosas para o comum dos leitores. Nesta secção devem ser recolhidas, igualmente, as obras de carácter científico, nomeadamente as que se referem aos problemas sexuais, desde que, pela sua pormenorização ou gravuras, possam constituir motivo de escândalo para o geral do público.

Os livros reunidos sob a rubrica *Inferno* apenas devem ser fornecidos, mediante autorização especial, nas seguintes condições:

*A leitores de maioridade;*

*A indivíduos manifestamente normais;*

*A indivíduos com sólida formação moral e cívica;*

*A médicos, psicólogos, professores, advogados e, de um modo geral, àqueles a quem, pela sua profissão ou actividade, possam interessar tais assuntos;*

*A indivíduos que estejam organizando e preparando estudos ou monografias de carácter histórico, crítico, literário, estatístico, etc., para cuja elaboração seja necessário consultar tais obras.*

Estas precauções compreendem-se perfeitamente, visto que as bibliotecas não devem ser, de maneira alguma, instrumentos de preversão e de dissolução de costumes.

Se as bibliotecas já devem evitar fornecer, ao público vulgar, as obras insignificantes que pejam as suas estantes, com muito mais razão devem *isolar* as obras perigosas, nocivas ou fortemente deseducativas.

\*

A biblioteca contemporânea, tal como hoje se entende, não deve, porém, limitar-se a reunir, devidamente conservados e catalogados, dicionários, enciclopédias, livros, opúsculos, atlas, publicações periódicas, etc. Sempre que tenha possibilidades económicas, e sempre que disponha de espaço, deverá agregar, às secções tradicionais, outras secções susceptíveis de completarem a missão da biblioteca, dando-lhe vida nova.

Entre elas, indicaremos as seguintes:

a) *Filmoteca*. Uma colecção de fitas cinematográficas de carácter instrutivo e educativo seria um elemento de primeira ordem, para a organização de

curso vários na biblioteca. A cultura histórica, geográfica, zoológica, botânica, artística, etc., colhida nos livros, poderia ser completada pelos filmes, a exhibir em sessões educativas, cuidadosamente preparadas por professores-metodólogos, pedagogos, historiadores, psicólogos, cientistas, etc. (1).

b) *Fonoteca*. O livro encerra a palavra escrita, mas não nos dá a palavra falada. Há orações e discursos que perdem toda a sua expressão e graça, quando não sejam proferidos pelo próprio. Ninguém pode fazer ideia da maneira como o P.<sup>e</sup> António Vieira proferia e entoava os seus opulentos sermões!

Ora, em nossos dias, conviria que as bibliotecas de melhor categoria e mais previdentes recolhessem o registo fonográfico dos poetas, declamadores, oradores, conferentes, etc., não só para proporcionarem lições de dicção e de fala correcta, mas também para legarem, aos vindouros, documentos que lhes permitam avaliar a maneira como os homens de hoje falam.

c) *Iconoteca*. Por vezes, para estudar um personagem, para fazer a biografia de um homem, é de grande utilidade conhecer os seus retratos. A iconografia e a iconologia prestam, em nossos dias, magníficos serviços ao historiador, ao biógrafo, ao psicólogo, etc. Uma biblioteca que reunisse, devidamente catalogados e acautelados, retratos dos homens célebres e dos principais autores representados nas suas colecções, proporcionaria, aos estudiosos, valiosos elementos de estudo, e até forneceria elementos para o estudo comparativo dos cortes-de-cabelo, barbas, bigodes, e, de um modo geral, da própria indumentária.

d) *Arquivo*. Adjunto a qualquer biblioteca, pode também criar-se um arquivo, onde se reunam, devidamente classificados e prontos a serem consultados,

---

(1) Nos Estados-Unidos, já existe, desde 1943, uma *Associação de Filmoteca Educativa*, cujos fins principais são: Organizar listas de filmes seleccionados; preparar bibliografias seleccionadas de livros, brochuras e outro material referente à cinematografia; fornecer elementos susceptíveis de servirem o ensino no terreno da técnica visual e sonora; publicar um jornal da especialidade; despertar o interesse público por estes assuntos, etc. (Vidê *Bulletin du Bureau International d'Éducation*. 4.<sup>o</sup> trimestre. Genève, 1944).

documentos de valor, que não constituam, própria-mente, livros, tais como : estampas, gravuras, desenhos, moedas, etc. Este arquivo não se comparará com um museu, porque ao passo que no museu os objectos estão expostos (muitas vezes em riscos de se deteriorarem), no arquivo os objectos estão devidamente acautelados contra a acção da poeira, da luz, da humidade, etc., mas prontos a serem consultados a cada momento. Um leitor que se interesse por assuntos numismáticos, depois de ler quaisquer livros sobre a especialidade, poderá observar algumas moedas, neles citadas ou mencionadas. Uma biblioteca em que os assuntos aparecessem assim relacionados, culminaria em interesse para o público estudioso.

e) *Hemeroteca*. Muitas vezes, os leitores não encontram, nas bibliotecas organizadas à moda antiga, quem esteja em condições de lhes fornecer elementos informativos, para eles de grande interesse, tais como : publicações especializadas, livros mais recentes sobre determinado assunto, etc. Ora uma biblioteca — para ser um centro de cultura — deve possuir uma secção informativa, que esteja em condições de fornecer, ao público, toda a espécie de esclarecimentos, o mais actualizados possíveis, sobre a vida espiritual, artística ou científica da região, do país ou até do estrangeiro. Se um leitor desejar consultar determinadas obras, e a biblioteca não as possuir, deverá estar em condições de indicar, ao leitor, a biblioteca onde ele poderá encontrar as referidas obras, e deverá, até, proporcionar-lhe indicações complementares, acerca do horário da referida biblioteca, meios de acesso, etc. (1). Para isso, manterá relações com as suas congêneres, assim como com museus, arquivos, etc. A esta secção se chama *hemeroteca* (de *hemer* : dia), pelo facto de lhe competir *estar sempre em dia*, no que diz respeito aos problemas

---

(1) Para o efeito, deverá a hemeroteca possuir os catálogos impressos (quando existam) das diversas bibliotecas públicas, privadas, municipais, particulares, etc. Quando a respectiva biblioteca não possuir o livro pedido, poderá, depois de consultar os referidos catálogos, indicar, ao leitor, a biblioteca onde pode encontrá-lo, fornecendo-lhe, até, a respectiva cota.



da sua especialidade (1), proporcionando a leitura dos jornais do próprio dia, dos anuários, catálogos de museus, etc.

f) *Pedagógio*. Assim como os museus já começam a ter repartições culturais, assim também as bibliotecas devem dispor de secções pedagógicas, que tenham por missão:

— Publicar boletins ou revistas estruturalmente didácticas, que atraiam a atenção do público para a biblioteca, e forneçam elementos de estudo sobre todos os problemas referentes à biblioteconomia.

— Organizar planos sistemáticos de cursos, sobre problemas que digam respeito à sua especialidade ou que com ela se relacionem: bibliologia, arquivologia, museologia, história literária, esfragística, etc.

— Estabelecer estreito contacto com os diversos estabelecimentos de ensino oficiais e particulares, nomeadamente dos graus médios e secundários, afim de se colocar ao seu dispor, para feitos da organização metódica e científica de visitas de estudo e de excursões (2).

— Estabelecer estreito contacto com instituições culturais, museus, arquivos, etc., para, em conjunto, organizar excursões, planos de cursos interdependentes, certames folclóricos, concursos literários, artísticos ou científicos, etc.

— Orientar, em bases criteriosamente pedagógicas, a leitura dos estudantes e dos adolescentes, no sentido da sua formação moral, cívica e intelectual. Quando os estudantes de determinado estabelecimento de ensino revelem critério inferior, na requisição dos livros,

---

(1) O vocábulo *heremoteca* já se encontra oficialmente sancionado no decreto 22.116, de 13 de Janeiro de 1933.

(2) Com efeito, qualquer visita de estudo, a uma biblioteca (como a um Museu), deve ser realizada de comum acordo, entre a Biblioteca e o respectivo estabelecimento de ensino. Fixado este *programa*, em bases metodológico-pedagógicas, um funcionário da biblioteca acompanhará os visitantes, depois de haver elaborado, esquematicamente, a respectiva lição, em função da idade dos educandos, cursos que possuem, classe social e região a que pertencem, etc.

a biblioteca, além da acção directa a exercer sobre os educandos, poderá comunicar o facto aos respectivos estabelecimentos de ensino, e, em certos casos mais delicados, às próprias famílias. A verdadeira acção educativa terá de ser uma actividade colaboradora e inter-relacionada.

\*

E' evidente que nem todas as bibliotecas poderão dispor de meios suficientes para manterem este conjunto de serviços. Cada uma adoptará aqueles que melhor se adaptem às necessidades do meio respectivo, e à categoria da mesma biblioteca.

A própria organização de bibliografias, que em certos casos se recomendam, deve variar conforme as categorias predominantes de leitores e os seus preferidos centros-de-interesse. A indiferença pelas bibliotecas provém, em muitos casos, de elas não se adaptarem ao ambiente em que vivem, de onde resulta o seu natural e irremediável isolamento.

A "asfixia" de algumas bibliotecas de província resulta de serem excessivamente literárias e históricas, o que faz com que apenas interessem a eruditos, historiadores ou amadores de boas letras. Para evitar este precalço, convirá que as bibliotecas regionais, de pequenas cidades ou bairros, organizem bibliografias integradas nas necessidades vitais da sua localidade ou da sua zona-de-influência, nomeadamente:

a) *Bibliografias industriais*, de artes e ofícios, construção civil, pesca, agricultura, produção e consumo, etc.

b) *Bibliografias comerciais*, de geografia económica, economia política, escrituração, contabilidade, técnica publicitária, organização de catálogos, estatística, prática de venda, etc.

c) *Bibliografias técnicas*, de arquitectura, engenharia, psicotecnia, electricidade, etc.

d) *Bibliografias profissionais*, de medicina, direito, agronomia, veterinária, etc.

## O bibliotecário

**Qualidades exigíveis.** Em toda a parte há, mais ou menos, cursos de bibliotecários, mas o certo é que os referidos cursos atendem, de preferência, aos conhecimentos adquiridos, esquecendo as aptidões e qualidades exigíveis aos bibliotecários. Na melhor das hipóteses, realiza-se uma deficiente selecção intelectual, admitindo que os bibliotecários não passam de guardiões ou de *conservadores de livros* (1). Luzuriaga lamenta este facto, nos seguintes termos: «A selecção do pessoal que as serve (refere-se às bibliotecas) faz-se considerando-o como guardador de um tesouro bibliográfico. Não só não o preparam para ir ao encontro dos desejos do leitor, já não dizemos para o entusiasmar, mas também contribuem, por meio de regulamentos absurdos, para o afastamento do referido leitor» (2).

Ora a verdade é que o bibliotecário, na moderna concepção biblioteconómica, desempenha funções muito mais elevadas e extensas do que a de um simples guardador fiel de valores.

As funções de *guardar* e de *conservar* são fundamentalmente administrativas e passivas; acima delas há que colocar a *função docente*, que pode desdobrar-se em:

- a) Função educativa;
- b) Função orientadora;
- c) Função animadora.

O bibliotecário é, hoje, equiparado — quando cumpre elevadamente a sua missão — a um professor. E com efeito, a acção de um director de biblioteca ou de um conservador de espírito arejado pode tornar-se mais profunda do que a de um professor. Ao passo que este prelecciona em classe, e se dirige a grupos

---

(1) Vidè Charles H. Judd, *L'école et la bibliothèque*, in *Elementary School Teacher*, September, 1910.

(2) Lorenzo Luzuriaga, *Ensayos de Pedagogia e instrucción pública*. Madrid, 1920.

mais ou menos numerosos de alunos, o bibliotecário age directamente junto de cada leitor, e esta acção pessoal, discreta e amável, é sempre mais eficaz do que a acção dispersiva de um mestre sobre qualquer grupo de educandos, mais ou menos heterogêneo.

Nas grandes organizações, poderiam distinguir-se diversas categorias de bibliotecários:

- a) Bibliotecários-técnicos;
- b) Bibliotecários-educadores;
- c) Bibliotecários-consultores.

Mas esta especialização só tem, entre nós, valor teórico, tornando-se, portanto, necessário escolher indivíduos com capacidades suficientes, para desempenharem as funções atribuíveis às três referidas especialidades.

Não pode, portanto, um bibliotecário actual possuir, apenas, os atributos que eram «óptimos» noutros tempos, pois os *aspectos da formação profissional variam com a época histórica* (1).

Vejamos, portanto, quais serão as qualidades relativas, que deve possuir um indivíduo, para desempenhar frutuosa e as funções de bibliotecário:

1.º *Inteligência calma*. As inteligências muito vivas propendem para o hipercriticismo e para a dispersão das ideias, atitudes mentais que não se recomendam para o bibliotecário. Quer-se, de preferência, uma inteligência sólida e penetrante, que não se distraia com facilidade, visto que a distração *impede a concentração de espírito e a decisão*, conduzindo às soluções sucessivas, que se amontoam em catadupa:

«Estas soluções múltiplas, que lhe vêm ao espírito, que ele examina quase simultaneamente, ou, pelo menos, numa sucessão rápida, e que vêm à carga após uma primeira eliminação, impedem-no de tomar uma resolução, e de nela se fixar, acabando por lhe aniquilarem a vontade» (2).

2.º *Inteligência compreensiva*. Para bibliotecário,

---

(1) In Emile Planchard, *Os problemas da função docente e a Universidade*. Coimbra, 1948.

(2) In Jean Delestrade, *L'Organisation du travail intellectuel dans les affaires*. Paris, 1946.

não se requer um indivíduo de inteligência inventiva, a qual exige uma série de operações diferentes daquelas que são exigíveis para uma inteligência compreensiva. O bibliotecário precisa interpretar e compreender, para resolver (1).

3.º *Capacidade analítica.* Entre os trabalhos fundamentais impostos pela biblioteconomia, avulta o da classificação, e para classificar é preciso analisar, decompor, encontrar o fulcro de um documento ou de uma obra; descobrir, em suma, a ideia-directriz. Quem não possuir uma tal aptidão, com dificuldade conseguirá realizar este difícil trabalho.

4.º *Poder de síntese.* Depois de analisar e de encontrar o fio-condutor ou a ideia-básica, torna-se necessário resumir numa palavra, numa frase, numa rubrica, em suma, *numa síntese*, um mundo de coisas. Uma catalogação metódica ou ideográfica, realizada por um bibliotecário destituído deste poder, seria sempre trabalho de um insuficiente realizador.

5.º *Espírito metódico.* Um bibliotecário, exactamente como um arquivista ou um conservador, precisa de ser uma pessoa ordenada e com método. Se lhe faltasse uma tal aptidão, depressa a biblioteca, com todos os seus serviços, cairia na confusão.

6.º *Faculdades disciplinadoras.* Não basta, ao bibliotecário, ser metódico; torna-se indispensável que, sem degenerar num *maníaco da ordem* (do tipo em que fala Janet), transmita, ao seu pessoal, o gosto da ordem e nela o íntegro, de um modo progressivo e firme.

7.º *Espírito aberto.* O bibliotecário de modo algum deve ser egoísta. Quer dizer: não deve pertencer ao grupo caracterológico daqueles que querem, apenas, o saber para si. Por isso, os bibliófilos são, muitas vezes, péssimos bibliotecários, porque *são ciosos dos seus livros; não consentem que ninguém lhes toque, muitos não querem que ninguém os veja* (2).

---

(1) Vidè Léon Walther, Professeur à l'Institut J. J. Rousseau, *Orientation Professionnelle et carrières libérales*. Etude psychologique. Neuchâtel — Paris, 1936.

(2) In Alberto Pimentel, *Vinte anos de Vida Literária*. Lisboa, s/d.

Os conservadores ou bibliotecários que retêm, avaramente, certos livros raros ou valiosos, para que nenhum outro investigador os veja ou sobre eles escreva alguma coisa, não cumprem correctamente a sua missão.

8.º *Espírito pedagógico.* O bibliotecário, uma vez que é equiparado ao educador, deve saber instruir, orientar e ensinar com regra e poder intuitivo. Aquele que não disponha de faculdades didácticas está contra-indicado para este cargo. O bibliotecário terá de orientar a sua actuação de harmonia com a idade dos leitores, suas características psicológicas, sua cultura, etc. No dizer de Crozet, o bibliotecário é *um director de estudos e (em relação aos novos) um promotor de vocações.* É óbvio que, para alcançar tais resultados, necessita de aptidões pedagógicas.

9.º *Poder comunicativo.* Não se poderia admitir, dentro desta concepção, um bibliotecário de feito concentrado, retraído e anti-social. Se, por um lado, a biblioteconomia pode considerar-se uma profissão técnico-concreta, por outro lado é uma profissão bio-social, visto que implica contactos frequentes com o homem. E neste caso, torna-se indispensável que ele possua o dom da simpatia, e possa e saiba fazer-se estimar e ouvir.

10.º *Honestidade.* Nesta rubrica não deve, apenas, entender-se a honestidade material, a honradez. Deve entender-se, igualmente, a honestidade de processos de trabalho, a seriedade e a sinceridade no que se refere à crítica e à interpretação dos factos. A desonestidade intelectual, a falta de escrúpulo nas citações, nas referências, etc., constituem contra-indicações graves.

11.º *Imparcialidade.* Crozet acentua que *a imparcialidade é, na constituição de uma biblioteca, um dever imperioso,* entendendo-se por imparcialidade não a escolha de obras tidas como imparciais, mas sim a escolha de obras que apresentem teses opostas em qualidade.

12.º *Amor à leitura.* Um bibliotecário não pode, evidentemente, ler todas as obras que entram na sua biblioteca, mas não deve perder o gosto da leitura,

nem cair no «enfartamento». Convirá que se defenda contra a *saturação livresca*, que tanto pode prejudicar a sua actuação. Em muitos casos, urge que o bibliotecário conheça certas obras, que acompanhe, com inteligência, o movimento científico ou literário, que, em suma, não perca o dom divino de ler com amor e devoção, embora a abundância de livros seja susceptível de gerar a fadiga e o tédio.

13.º *Paciência*. Eis outra qualidade muito importante para o bibliotecário. Um cargo desta categoria precisa de homens que não se deixem dominar pelo nervosismo. E' preciso ser paciente para classificar, para arrumar, para retirar dos lugares, para voltar a colocar nos primitivos lugares, etc. É preciso ser paciente para atender pedidos de informes e consultas, assim como para fornecer bibliografias aos leitores.

14.º *Tenacidade*. A persistência é uma qualidade que o bibliotecário deve possuir em boa dose, pois cabe, ao bibliotecário, o dever de auxiliar o leitor a encontrar o livro que lhe interessa, o artigo que ele pretende descobrir, o assunto que o preocupa. Estas buscas — às vezes para servir outrem — exigem uma grande e abnegada tenacidade.

15.º *Visão global*. O bibliotecário não deve ser homem de uma só ideia. Deve possuir um espírito amplo, para não se deixar vencer por qualquer especialização ou por uma visão unilateral ou deformada do mundo. Crozet salienta que, mesmo os bibliotecários conscienciosos, estão sujeitos à tentação e ao perigo de apenas *concentrarem as suas aquisições sobre algumas disciplinas, que eles conhecem bem, desprezando outras categorias de conhecimentos, muitas vezes mais importantes, mas que não lhes interessam* (1).

Para evitar este escolho, muito útil lhe será manter-se sempre em boa forma, no que diz respeito a uma boa cultura geral, de carácter aberto e filosófico.

---

(1) In Léo Crozet, *Manuel Pratique du Bibliothécaire*.

\*

Em suma: — pode concluir-se que o bibliotecário precisa, para desempenhar convenientemente as suas funções, de dispor:

- a) De um mínimo de qualidades e aptidões, cuja existência, em grau maior ou menor, urge verificar;
- b) De uma preparação geral, susceptível de lhe fornecer cultura bastante, que sirva de base à sua formação específica;
- c) De uma preparação especializada, referente à taxinomia, bibliologia, biblioteconomia, arquivologia, arquivoeconomia, paleografia, diplomática, esfragística, numismática, iconografia, etc.
- d) De uma preparação pedagógica, que permita tornar útil e fecunda a preparação especializada, levando à difusão da cultura, que é a missão fundamental da biblioteca moderna.

## A instalação das bibliotecas

**Os serviços da biblioteca.** Ao contrário daquilo que algumas pessoas indoutas poderiam supor, para instalar uma biblioteca, em boas condições, não serve qualquer edifício. Uma casa, para o efeito, deve possuir um mínimo de requisitos, que poderemos resumir nas seguintes alíneas:

a) *Local seco.* As bibliotecas não devem ser instaladas em casas que tenham poços no seu interior, ou em edifícios que, pela sua posição, possam estar na iminência de sofrer inundações. Nas paredes das salas onde se guardam os livros, não devem existir canalizações de água, cuja possível rotura poderia, também, ocasionar graves prejuízos aos livros.

b) *Local silencioso.* As ruas barulhentas ou em cujas proximidades haja fábricas, campos de futebol, mercados públicos, etc., estão contra-indicados para as bibliotecas, porque sempre, em todos os tempos, o silêncio foi considerado um elemento essencial para o



bom rendimento do trabalho do espírito. Nas Constituições Gerais, dos Beneditinos, já se impunha a obrigação de os frequentadores das suas bibliotecas *guardarem silêncio*. E nas bibliotecas estrangeiras modernas *o silêncio é completo* (1). Não só se constroem os edifícios com materiais isoladores e ignífugos, mas também se impõe, tanto ao pessoal como aos leitores, a prática do silêncio, pois só dentro do silêncio pode haver estudo frutuoso e meditação fecunda.

c) *Luz e ar*. São dois elementos indispensáveis a uma biblioteca, a qual deve ter janelas amplas, susceptíveis de proporcionarem uma iluminação natural satisfatória e um arejamento higiénico.

d) *Possibilidade de futuros acréscimos*. Um edifício que fique apertado entre outros edifícios não poderá satisfazer qualquer biblioteca. Se, com o decorrer dos tempos, houver necessidade de ampliação, ¿ para onde há-de ela alargar-se?

e) *Existência de um número mínimo de salas, indispensáveis aos respectivos serviços*. Há quem julgue que, para organizar uma pequena biblioteca, bastarão duas ou três salas. E' um engano. Por modesta que uma biblioteca se apresente, no seu início, precisará sempre de salas bastantes para os diversos serviços administrativos: de expediente, cadastro, estatística, etc. Além disso, não lhe bastará uma fria e álgida sala de leitura geral. Em muitos casos, precisa de salas convenientemente apetrechadas:

- Para senhoras;
- Para crianças;
- Para leitura de jornais;
- Para consulta de atlas, mapas, etc.
- Para conferências;
- Para exposições de encadernações, ex-líbris, ilustrações, autógrafos, etc.

A localização destas salas deve, porém, ser feita de modo a tornar fácil e rápido o transporte dos livros.

Além disso, recomenda-se que as salas sejam pin-

(1) Vidè Ferreira Rosa, *Universidades*, in *Revista Nacional de Educação*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1932.

tadas a cores claras, e que os soalhos não tenham fendas, onde se abrigue e acumule poeira.

As cadeiras de braços são as cadeiras ideais para uma biblioteca, e cada leitor deverá ter o espaço suficiente para ler e consultar os livros, mantendo-os abertos para efeito de tirar os seus apontamentos.

Os tratadistas costumam indicar, como indispensável a cada leitor, o espaço de 1<sup>m</sup>,40.

Toda a biblioteca digna de tal nome deve possuir um vestíbulo, onde se exponham, em caixilhos bem visíveis:

- O regulamento da leitura;
- O regulamento dos empréstimos externos, quando a biblioteca os permita;
- As comunicações da Direcção: ordens-de-serviço, resoluções, etc.;
- A lista das novidades literárias, científicas, técnicas, etc., acabadas de entrar na biblioteca;
- A bibliografia referente a quaisquer assuntos de interesse momentâneo;
- Quaisquer notícias de interesse intelectual para a vida do país ou da zona-de-influência da biblioteca;
- Uma lista das bibliotecas especializadas da região.

O problema do pessoal também é importante, pois, muitas vezes, há empregados que, pela sua incompreensão e falta de afabilidade, repelem os leitores delicados ou tímidos, esquecendo-se de que as bibliotecas existem, não para anicharem pessoal, mas sim para servirem a cultura e o público.

O erro originário de muitas bibliotecas e os seus defeitos podem filiar-se na insuficiência moral e psicológica do respectivo pessoal, cujos supostos direitos se sobrepõem a tudo o mais. Já Castilho lamentava isto, no século passado:

«Quantas reformas se não têm feito, de mais de trinta anos para cá, nas quais o interesse pessoal de alguns ou muitos particulares, altamente invocado como *direito adquirido*, tem sido ousadamente sobre-

posto ao que se julgou interesse e direito inalienável da comunidade!" (1).

Muitas ocasiões, a par de complacências com empregados fanatizados ao princípio do menor esforço, há uma defeituosa utilização das verbas destinadas à aquisição de livros. Luzuriaga, referindo-se a Espanha, diz que se gastava mal o dinheiro em livros, tendo chegado a propor a criação de organismos para a escolha de livros e para a selecção e preparação do pessoal, não no sentido erudito, mas sobretudo docente (2).

Pode, por consequência, afirmar-se, em resumo, que o desenvolvimento de uma biblioteca depende de vários elementos fundamentais, que podem sintetizar-se nas seguintes ideias:

1.<sup>a</sup> *Edifício com boas condições para a conservação das espécies e para um trabalho fecundo dos leitores.*

2.<sup>a</sup> *Material igualmente adaptado às necessidades de cada biblioteca.*

3.<sup>a</sup> *Verbas suficientes e bem aplicadas na aquisição de livros.*

4.<sup>a</sup> *Pessoal apto, competente, activo e simpático, que cumpra o seu dever com entusiasmo e inteligência.*

**Os inimigos do livro.** Assim como tem amigos e até fanáticos, o livro tem inimigos próprios e específicos, contra os quais deve o bibliotecário estar prevenido.

E quais são esses inimigos?

Poderemos, talvez, agrupá-los em três sectores:

- a) *Agentes naturais*: humidade, bolores, luz em excesso, poeira, etc.;
- b) *Insectos e vermes bibliófagos*;
- c) *Homem*.

A humidade prejudica altamente os livros, e ataca de um modo especial as encadernações recentes e ainda não completamente secas. Nos períodos invernosos e de humidade excepcional, convém vigiar as obras en-

(1) António Feliciano de Castilho, *Felicidade pela Instrução*. 3.<sup>a</sup> edição. Lisboa, 1909.

(2) In Lorenzo Luzuriaga, *Ensayos de Pedagogia*.

cadernadas, e limpá-las dos bolores que, por vezes, as atacam, comendo as cores e torcendo os cartões, etc. Pode recorrer-se à impregnação de substâncias hidrófugas nas paredes e à colocação de cal viva nas salas de depósito dos livros. O arejamento é um excelente meio higiénico.

No que diz respeito à luz excessiva e à luz do sol, sabe-se muito bem o quanto ela prejudica o papel, fazendo-o amarelecer, torcendo-o e tornando-o quebradiço. O calor demasiado também prejudica os livros, convindo, portanto, que não se estabeleçam depósitos de bibliotecas em sótãos, mansardas e outros locais onde a temperatura sobe, normalmente, bastante no verão.

A poeira é, outrossim, altamente nociva para os livros, quando se fixa sobre as folhas, em especial quando os livros estão, nas prateleiras, oblíquos, e, portanto, com as folhas entreabertas. A limpeza da poeira deve efectuar-se com regularidade e com o maior cuidado, mas nunca os livros devem ser batidos para tal efeito, a não ser que se trate de obras sem qualquer valor.

Com referência aos insectos bibliófagos, toda a vigilância é pouca. Logo que seja encontrado algum volume atacado pela vermina, deve imediatamente ser separado dos demais, e, depois de desinfectado, recolherá a uma caixa metálica, onde permanecerá alguns meses. Os livros que estavam junto dele serão todos observados com o maior cuidado, e a respectiva prateleira, assim como as prateleiras inferiores, sujeita a uma desinfectação metódica (1).

Há hoje muitos insecticidas poderosos, que podem ser utilizados com êxito. O essencial é estar sempre vigilante. O bibliotecário não deve deixar este serviço ao cuidado do seu pessoal; convém que ele próprio acompanhe *pari passu* as desinfectões metódicas, a realizar todos os anos.

Finalmente, o último dos inimigos do livro é o

---

(1) Vidè C. Houlbert, *Les Insectes ennemis des livres. Leurs moeurs. Moyens de les détruire*, 1903; P. Sée, *Les Maladies du papier piqué*, 1919.

homem, o qual pode exercer, nas bibliotecas, a sua nefasta acção por diversas maneiras:

a) *Manuseando os livros sem o necessário cuidado.* Nem toda a gente sabe folhear um livro sem o abrir demasiado, sem molhar o dedo para «passar» as folhas, sem lavar as mãos, sem garatujar, etc. E' preciso estar precavido, nas bibliotecas, contra estes leitores desastrados e... desastrosos, que exercem uma terrível acção destruidora e desvalorizadora sobre as diversas espécies bibliográficas que consultam;

b) *Arrancando folhas, gravuras, mapas, etc.* Este mal tanto pode ser obra de um bibliófico fanático, como de um estudante irresponsável. Cada um, por motivos diversos, é capaz de estragar um livro. A vigilância das salas de leitura deve ser constante, embora muito discreta: não terá aspecto policial, nem humilhante, mas deve ser altamente eficiente. Convém, sobretudo, educar os leitores, desde novos, salientando que o estudante e o cidadão dignos de tal nome nunca rabiscam, nem maltratam os livros (1).

c) *Subtraindo os livros ou substituindo-os por outros sem valor.* Apesar de toda a vigilância, sempre desaparecem livros das bibliotecas. Se essa vigilância afrouxar, os desaparecimentos tornar-se-ão maciços. Há bibliotecários que facilitam a saída de livros, sem as necessárias cautelas, e que, por esse facto, vêem, todos os anos, desaparecerem das suas estantes numerosas obras. Os respeito humanos, os receios de ofender pessoas de categoria e o excesso de delicadeza, têm sido, muitas vezes, a causa do desaparecimento completo de certas bibliotecas de província (2).

(1) Vidé Ferreira Rosa, *Universidades*, in *Revista Nacional de Educação*. Rio de Janeiro, 1932.

(2) Há anos, visitámos uma vila de província, onde nos haviam dito existir uma biblioteca de certa importância, que o próprio Anuário Commercial registava. Por isso, logo que ali chegámos, dirigimo-nos ao organismo onde a mesma biblioteca se encontrava instalada. Foi, porém, com grande surpresa que, ali, nos disseram o seguinte:

— Realmente, tivemos, aqui, uma biblioteca, com muitos e bons livros. Mas hoje não possuímos um único!

Como ficássemos espantados com o caso, um velho empregado, que anos atrás o fora da biblioteca, revelou-nos:

— Isto tinha de acabar assim mesmo. Quando alguém me

## A expansão das bibliotecas

**Categorias de bibliotecas.** Assim como há diversas espécies de museus, também há diversas categorias de bibliotecas. Conforme o objectivo ou objectivos que se têm em vista, assim pode e deve variar a biblioteca, no que diz respeito a *localização, fundos bibliográficos, orgânica técnica e administrativa, funcionamento*, etc.

Ao contrário do que muita gente poderia supor, a biblioteca é uma instituição muito maleável, capaz de servir os mais diversos interesses sociais e individuais, e capaz também de servir os mais diversos organismos e objectivos intelectuais. E' sempre possível reunir variadas colecções de livros, completando-as com colecções de outras categorias, mas todas elas tendendo à consecução do fim em vista.

E', portanto, de toda a conveniência classificar as bibliotecas, para, mercê dessa classificação, se poder assegurar a respectiva continuidade à mesma, sem qualquer desvio, sempre perturbador.

Em geral, os tratados da especialidade costumam distinguir entre *bibliotecas públicas*, pertencentes ao Estado ou suas autarquias; *bibliotecas privadas*, pertencentes a particulares; e *bibliotecas privadas*, pertencentes a instituições de vária ordem (públicas ou par-

---

pedia livros da biblioteca, eu apresentava a requisição para preenchimento, mas todos se recusavam a fazê-lo, uns fazendo-se ofendidos, outros dizendo que daí a cinco minutos trariam o livro. Eu era um simples contínuo ou guarda. Poderia opor-me ao Presidente da Câmara, ao Delegado, ao Juiz, ao Médico, ao Notário, etc.? Os livros iam, pois, saindo, e não voltavam. A própria direcção (quando eu lhe comunicava o facto) encolhia-se, receosa de provocar incidentes, cortes-de-relações, etc.

Como este, poderíamos citar muitos outros casos. Nos meios pequenos, onde todos se conhecem e são amigos, é muito difícil manter boas normas de rigidez biblioteconómica, sem ferir susceptibilidades. Ou o bibliotecário há-de manter-se dentro da máxima firmeza (arrostando com inimidades de toda a ordem), ou há-de transigir, comprometendo os fundos das respectivas bibliotecas.

ticulares), destinadas exclusivamente ao respectivo pessoal.

Mas esta distinção é muito rudimentar, e está longe de satisfazer aos objectivos em vista.

Consideremos, por consequência, outras categorias dignas de ponderação:

a) *Bibliotecas gerais*. Aquelas que reúnem obras de todas as categorias e que se destinam, também, a todas as categorias de leitores, sem restrição de espécie alguma. As bibliotecas gerais são, normalmente, nacionais, e muitas vezes também coleccionam livros estrangeiros.

b) *Bibliotecas especiais*. Aquelas que reúnem obras referentes a um grupo, mais ou menos vasto, de conhecimentos humanos.

c) *Bibliotecas especializadas*. Aquelas que apenas reúnem obras respeitantes não já a um grupo de conhecimentos, mas unicamente a uma especialidade bem definida, a uma actividade determinada, que se relacione com qualquer profissão, etc. (1).

d) *Bibliotecas profissionais*. Ainda se trata de bibliotecas mais restritas e limitadas do que as bibliotecas especializadas. As bibliotecas profissionais apenas reunirão volumes que digam respeito à profissão respectiva, sem se interessarem pela extensão geral da técnica ou da ciência na qual está enquadrada a profissão.

Sob o aspecto da categoria de leitura que oferecem, as bibliotecas podem considerar-se:

a) *Bibliotecas de leitura*. São as que procuram organizar colecções de obras de vulgarização, mas de categoria, e, a par destas obras, também obras várias de boa literatura, todas obras representativas e que

---

(1) Podem indicar-se, como pertencendo a este tipo, as seguintes bibliotecas: Aeronáutica, Agricultura, Antropologia, Arqueologia, Astronomia, Bacteriologia, Cerâmica, Comércio, Direito, Economia Política, Entomologia, Estatística, Feminismo, Gastronomia, Geografia, Geologia, História, História Natural, Horticultura, Marinha, Meteorologia, Modas, Música, Oceanografia, Pedagogia, Teatro, Urbanismo, etc.

Todas estas bibliotecas especializadas — e muitas mais — existem em Paris.

possam contribuir para a formação de uma boa cultura geral (1);

b) *Bibliotecas de estudo.* São aquelas que oferecem algumas obras fundamentais dos diversos ramos do saber humano: Filosofia, Sociologia, Biologia, Antropologia, História, Direito, etc. (2);

c) *Bibliotecas de trabalho.* São aquelas que se organizam dentro das diversas instituições, públicas ou particulares, para uso exclusivo do respectivo pessoal. As grandes empresas e organizações autônomas podem organizar bibliotecas destas, nelas reunindo: enciclopédias gerais e especiais, dicionários, atlas, biografias, bibliografias especializadas, tratados de interesse profissional, revistas da especialidade, anuários e algumas obras comumente procuradas (3).

Os arquivos e museus também costumam possuir bibliotecas privativas desta categoria, nomeadamente com obras sobre organização arquivológica e museográfica, sobre artes gráficas, assim como albuns, reportórios ilustrados, etc.

Pedro Muguruza esquematiza, nos seguintes termos, a estrutura de uma biblioteca de museu:

«O grupo das salas que se podem reunir sob a denominação de *biblioteca* será formado por uma sala geral de leitura e por uma outra mais reduzida, para estudos especiais; por uma biblioteca propriamente dita, provida de prateleiras e de móveis metálicos, que oferecem, sobre o mobiliário de madeira, a vantagem de segurança, do aproveitamento de espaço, da simplificação na limpeza e da luta contra os parasitas. O gabinete reservado ao bibliotecário deverá poder

---

(1) Aconselham-se livros de memórias e anais, obras profusamente ilustradas (em geografia), livros de viagens, livros de arte ilustrados, obras referindo as aplicações práticas da ciência, etc. (Vidè E. Henriot, *L'Art de former une Bibliothèque*).

(2) Estas bibliotecas devem reunir volumes sobre: ciências religiosas, ciências filosóficas, ciências puras, ciências aplicadas, belas-artes, línguas e linguística, literaturas, história dos povos, revistas e jornais, etc.

(3) Vidè Julien Cain, Administrateur de la Bibliothèque Nationale de Paris en collaboration avec P. A. Lemoisne, Conservateur du Cabinet des Estampes de Paris, *Problèmes particuliers aux collections graphiques*.



conter ficheiros. O revestimento das paredes e dos soalhos deve ser, tanto quanto possível, insonoro, e convem assegurar um isolamento completo em relação à circulação geral do museu. A colocação desta secção deverá ser escolhida de maneira a conseguir uma ligação fácil com a Direcção, assim como com o departamento de educação ou de ensino» (1).

d) *Bibliotecas recreativas*. Designar-se-ão por esta expressão aquelas que apenas reunirem colecções destinadas à distracção dos leitores e à ocupação honesta das suas horas de ócio. E' evidente, no entanto, que nunca se deve esquecer, mesmo neste caso, a finalidade social e educativa.

Sob o ponto de vista das classes sociais a que se destinam, as bibliotecas podem dividir-se:

a) *Bibliotecas populares*. Devem ter um objectivo essencialmente moral, cívico e profissional. Já houve quem lhes chamasse *escolas de adultos*. Estas bibliotecas devem possuir salas para leitura de periódicos na própria data da sua publicação, secções de literatura, artes e ofícios, indústrias e comércio. Em muitos casos, poderão dispor de secções para crianças, a cargo de senhoras especializadas. Quando as bibliotecas populares disponham de secções de literatura infantil, deverão estabelecer íntimo contacto com as escolas, para a realização de leituras comentadas, troca de livros, conselhos sobre a formação de bibliotecas particulares, etc. Compete, também, às bibliotecas populares a organização de colecções ambulantes, fornecidas, temporariamente, a escolas, fábricas, colónias de férias, associações provinciais, institutos, etc.

b) *Bibliotecas eruditas ou selectivas*. Como o próprio nome o indica, estas bibliotecas destinam-se à formação daquilo que hoje se designa por *alta cultura*. Dirigem-se a um público selecto, e oferecem-lhe livros também seleccionados.

---

(1) Pedro Muguruza, Architecte du Musée du Prado, *Aménagement des Musées. Service et outillages*.

\*

No que diz respeito à posição de dependência em que se encontram, as bibliotecas podem agrupar-se em:

a) *Bibliotecas independentes*. Recebem esta designação as bibliotecas que possuem casa própria e vida própria, independente de qualquer organismo ou instituição. Trata-se de bibliotecas que não se encontram ligadas a qualquer outra entidade.

b) *Bibliotecas dependentes*. Assim podem ser designadas as bibliotecas que funcionam junto de qualquer instituição pública ou particular: Universidades, Liceus, Serviços autónomos, etc.

c) *Bibliotecas anexas*. É costume dar este nome àquelas que são organizadas com os duplicados ou triplicados de qualquer biblioteca, quer esses livros se encontrem no próprio edifício, quer em outros edifícios da mesma localidade ou dos subúrbios, para uso dos respectivos bairros ou zonas.

\*

Com respeito à *categoria de vida*, podem as bibliotecas agrupar-se em duas rubricas:

a) *Bibliotecas mortas*. Assim podem designar-se as *bibliotecas de conservação*, ao gosto tradicional, em que os livros são guardados, tendo apenas em consideração o *seu valor económico*, e não o seu valor cultural. É a estas bibliotecas que Luzuriaga chamou *lugares misteriosos e solitários* (!). Está claro que ainda hoje há bibliotecas que, pelo facto de guardarem obras raras, incunábulo, etc., só excepcionalmente consultados, não podem deixar de possuir um aspecto fossilizado, de necrópoles ou de museus arqueológicos.

b) *Bibliotecas vivas*. A' antiquada e vetusta concepção das bibliotecas, ao gosto do século XVIII, contrapõem-se, hoje, as *bibliotecas vivas*. Antigamente o livro era olhado como uma *reliquia*; actualmente é

---

(!) In Lorenzo Luzuriaga, *Ensayos de Pedagogía y Instrucción Pública*.

considerado um *instrumento de produção*. São duas ideias diferentes, às quais correspondem realizações e orgânicas também diferentes. Urge, portanto, adaptar as bibliotecas às novas concepções, tornando-as visitadas, e ensinando o público a ler os livros que nelas se encontram à sua disposição. Para isso, torna-se indispensável recorrer a todos os meios que a bibliotecnologia conhece. As bibliotecas frequentadas por raros leitores não se justificam, e constituem um triste sintoma de desinteresse e de incultura. Revelam a incapacidade dos seus organizadores e dos seus dirigentes, mais do que a incultura do público (1).

No que diz respeito à ideia de movimento, podem as bibliotecas ser:

a) *Bibliotecas fixas*. Como o próprio nome o indica, são aquelas que se conservam imobilizadas, e de onde os livros não saem, a não ser no caso de empréstimos domiciliários, quando estes sejam autorizados.

b) *Bibliotecas circulantes*. Também recebem outras designações: *itinerantes*, *ambulantes* ou *móveis*.

Estas bibliotecas são, em geral, organizadas por Museus Pedagógicos, Bibliotecas Populares, etc., e destinam-se aos mais variados fins e regiões: escolas que não possuam biblioteca, fábricas, grandes empresas, associações culturais, organismos autónomos, casas de saúde, hospitais, asilos, cadeias, etc.

Para cada caso, organizam-se *caixas-estantes*, com colecções adequadas às pessoas às quais se destinam,

---

(1) A propósito, lembraremos que o Prof. Dr. Mendes Correia, falando, em tempos, na Assembleia Nacional, se referiu ao *número fantásticamente minúsculo de leitores*, frequentadores das bibliotecas públicas. Disse aquele Professor (com base na estatística de 1945) que *muito mais de nove décimos da nossa gente não entra sequer uma vez por ano numa biblioteca pública para consultar um livro*, facto este na verdade desolador, tanto mais quanto é certo que o número de leitores de livros especializados é ínfimo (80.495 em 1945). (Vide *Diário de Notícias*, Lisboa, 20 de Março de 1947).

considerando a sua idade, cultura anterior, interesses predominantes, etc.

Durante um determinado período, essas caixas-estantes permanecem num determinado local, à responsabilidade de uma pessoa ou entidade idónea.

As bibliotecas circulantes podem tomar a forma de *postos de leitura*, nos jardins, postos estes renováveis de tempos a tempos.

As bibliotecas circulantes escolares costumam, por vezes, ser constituídas por duas secções: *secção para os professores* e *secção para as crianças*. No primeiro grupo, podem incluir-se livros sobre: língua, literatura, filosofia, pedagogia, sociologia, história, belas-artes, viagens, geografia, matemática, ciências da natureza, agronomia, indústria, etc. No segundo grupo, incluem-se livros de história pátria, de contos, de poesias, e, de um modo geral, todas as obras que instruem e divertam, mas sempre adaptadas às idades das crianças, e tendo em linha de conta o papel educativo das referidas bibliotecas, que, aliás, podem ser consultadas por adolescentes de mais de 15 anos e por mulheres (1).

Para que estas bibliotecas dêem resultados, torna-se, porém, indispensável que haja dinamismo na sua circulação, competência na organização das colecções e interesse por parte dos orientadores, inspectores e professores (2).

\*

No que diz respeito à idade dos leitores, podem considerar-se duas espécies de bibliotecas:

a) *Bibliotecas para adultos*. São aquelas que, fundamentalmente, se destinam aos adultos, embora muitas vezes possuam secções para crianças, para adolescentes e até para meninas e senhoras.

b) *Bibliotecas para crianças*. Estas bibliotecas são muito recentes. Basta dizer que a primeira biblioteca infantil francesa, só foi criada, em Paris, em 1924,

---

(1) Vidè, a este respeito: L. A. Santullano, Inspecteur de l'enseignement primaire, *L'E'ducation en Espagne. Les derniers réformes de l'enseignement primaire*; in *L'E'ducation*. Paris, 1914.

(2) Vidè Lorenzo Luzuriaga, *Ensayos de Pedagogia y Instrucción Pública*. Madrid, 1920.

com a designação significativa de *A hora alegre*. Destinam-se as referidas bibliotecas aos seres imaturos, geralmente de idade inferior a 17 anos, e tomam o aspecto de associações, pois os leitores comprometem-se a zelar pelos livros e a auxiliar, no possível, o bibliotecário.

Para dar resultado, estas bibliotecas não devem instalar-se nem na escola, nem numa biblioteca de adultos, para que as crianças possam *viver a sua vida* e não fiquem sob a pressão psicológica do mestre. As mesas devem ser adaptadas às estaturas, e convém que as salas sejam alegres e floridas.

A escolha dos livros deve ser meticulosa, feita *por indivíduos especializados ou por instituições culturais, que, pela sua preparação e independência, estejam acima de todas as mesquinhas da vida e de toda e qualquer suspeita de parcialidade* (1). A selecção terá de ser realizada em função dos interesses infantis e adolescentes, das idades mentais, e das categorias dos livros. Deve haver colecções de contos, fábulas, narrativas de viagens, biografias, poesias, leituras femininas, teatro para crianças, leituras históricas, livros de divulgação sob aspecto recreativo, etc.

São contra-indicadas as seguintes obras: albuns de caricaturas, livros cujo tema seja a conquista da riqueza (procura de um tesouro, de uma herança, etc.), novelas policiais (que arrastam para a criminalidade), novelas com base na guerra ou na espionagem, obras que excitam a hostilidade para com qualquer classe social, obras baixamente utilitárias e materialistas, obras que ridicularizem as virtudes (2).

\*

Poderíamos ainda admitir outras categorias, como sejam *bibliotecas históricas, científicas, femininas, administrativas*, etc.

---

(1) Vidé *A classificação dos livros infantis e os esquemas de bibliotecas*, pelo Dr. Mário Gonçalves Viana, in *Escola Portuguesa*. Lisboa, 7 de Setembro de 1943.

(2) Vidé Léo Crozet, *Manuel Pratique du Bibliothécaire*. Paris, 1937.

Mas o que fica dito é mais do que suficiente para demonstrar as largas possibilidades destas instituições.

Há, porém, uma outra categoria que merece uma referência especial, embora sucinta. Trata-se das *bibliotecas-modelo*.

Por *biblioteca-modelo* deve entender-se aquela que se destina, especialmente, a fornecer aos pais e educadores variados esquemas de bibliotecas, cada um deles adaptado às necessidades espirituais, sociais e profissionais das crianças e dos adolescentes.

Em geral, cada biblioteca deste género apresenta séries progressivas de esquemas de pequenas bibliotecas, tendo em consideração as idades e os meios-ambientes próprios. Evidentemente, os referidos esquemas são susceptíveis de variadíssimas combinações. O essencial será dar combate ao escaracho do mau livro, não com palavras, mas com bons livros e com uma acção intensiva, exercida junto dos pais, dos professores e das crianças.

Para atingir este resultado, recorre-se a *Exposições circulantes de bibliotecas-modelo*, que percorrem o país, aproveitando a oportunidade para estabelecer contactos úteis com escolas, com instituições culturais e com as famílias, afim de lhes facilitar a escolha de livros, e a organização de bibliotecas particulares e escolares (1).

## As bibliotecas escolares

**Referência histórica.** Desde há muito, que era conhecida a utilidade das bibliotecas escolares, quer para uso dos professores, quer para uso dos estudantes. Os velhos mosteiros medievais tinham, junto das suas escolas privativas, bibliotecas, que eram centros de estudo e de cultura. As Universidades também acumularam, paciente e amorosamente, bibliotecas preciosas, cuja opulência ombreava, muitas vezes, com a riqueza

---

(1) Vide *Bulletin du Bureau International d'Éducation*. Genève, Janvier 1932.

das suas colecções. E' o caso, por exemplo, da Biblioteca da Universidade de Coimbra que Raczyński classificou de *a mais bela e a mais ricamente armada de quantas havia visitado*.

Pode ajuizar-se a importância que os antigos atribuíam às bibliotecas desta categoria, se lermos uma inscrição exortatória que se encontra sobre a porta da Biblioteca da Universidade de Coimbra, a qual remonta ao século XVIII:

A TODOS ESTE PAÇO SE FRANQUEIA,  
DE LIVROS ADORNADO: AQUI ENTRANDO,  
OS ESCRITORES LÊDE, E SEREIS DOUTO.  
E PARA O ESTUDO VOSSO A NORMA É ESTA:  
— LEIA E MEDITE A MENTE; APONTE A PENA (!)

Mas só posteriormente as bibliotecas escolares se vulgarizaram. Durante muito tempo só estabelecimentos de ensino de certa categoria as possuíam.

Foi nos fins do século XVIII que se começou a formular o princípio de que todas as escolas deveriam possuir a sua biblioteca. O celebrado filósofo Condorcet proclamava que *cada escola deveria ter uma pequena biblioteca*, além de um laboratório, de um jardim botânico e de um jardim agrícola. As bibliotecas dos cursos superiores — acrescentava aquele membro da Academia Francesa — deveriam ser mais completas, como meios de instrução por excelência, e a elas se juntariam as conferências públicas efectuadas por professores, nas quais seriam tratados assuntos que não pudessem fazer parte das lições (2).

Mas estas ideias só lentamente se têm tornado realidade, pelo menos com a extensão e a fecundidade que os teóricos previam. Kilpatrick confessa algu-

(1) Esta é a tradução do latim que se ostenta no local:

PANDUNTUR CUNCTIS EXCULTA PALATIA LIBRIS:  
HOC ADES; AUCTORES CONSULE, DOCTUS ERIS.  
HAEC TIBI PRO STUDIIS ET LEX ET NORMA TENENDA EST;  
MENS LEGAT, OBSERVET SEDULA; PENNA NOTET.

(In A. C. Borges de Figueiredo, Bibliotecário da Sociedade de Geografia, *Coimbra Antiga e Moderna*, Lisboa, 1886).

(2) Vidè Condorcet, *Instrução pública e organização do ensino*. Prefácio e tradução de Eduardo Cruz, Porto, 1943.

res: *Quando éramos crianças, as bibliotecas desempenhavam insignificante papel nas escolas primárias, se é que aí desempenhavam algum* (1).

Em teoria, as bibliotecas escolares adquiriram certo desenvolvimento, e existem um pouco por toda a parte, no nosso país (2), mas é inegável que, por insuficiência de organização e por falta de compreensão, de vida e de entusiasmo daqueles que as servem, estas instituições têm-se revelado inoperantes.

E' sempre fácil idealizar instituições, mas é difícil realizá-las, principalmente quando se trata de organismos, cuja vida não depende apenas de afirmações doutrinárias mais ou menos bem intencionadas.

O problema das bibliotecas escolares não pode ser resolvido nos jornais oficiais, com leis aparatosas e flamantes: resolve-se na prática, com dedicação, com espírito de persistência e com devoção pedagógica.

**Objectivos das bibliotecas escolares.** Pode afigurar-se um inútil lugar-comum afirmar que as bibliotecas escolares são órgãos essenciais a qualquer estabelecimento de ensino. Mas a verdade é que — como muito bem acentua Planchard — *há lugares-comuns que nunca é demais repetir, porque implicam mais do que verdades especulativas a admitir, exprimem regras de conduta a aplicar* (3).

Não basta, porém, fazer, a este respeito, uma afirmação genérica. E' indispensável passar da generalidade para a especialidade. Hoje defende-se que o

---

(1) Kilpatrick, *Educação para uma civilização em mudança*.

(2) No Decreto de 17 de Novembro de 1836, assinado por Manuel da Silva Passos, já se escrevia:

*Art. 67.* «Haverá em cada um dos Liceus uma Biblioteca, que servirá também para uso dos Professores e alunos. Um dos Professores nomeado pelo Conselho será o Bibliotecário, e terá um Oficial às suas Ordens...

*Art. 68.* Haverá em cada um dos Liceus um jardim experimental destinado às aplicações de Botânica, um Laboratório Químico, e um gabinete que terá três divisões correspondentes às aplicações da Física e da Mecânica, da Zoologia e da Mineralogia».

(3) In Emile Planchard, *Os problemas da função docente e a Universidade*. Separata de «O Instituto». Coimbra, MCMXLVIII.



Museu <sup>(1)</sup>, o Laboratório e a Biblioteca constituem um tríptico básico, na vida escolar. Urge, no entanto, discriminar quais são os benefícios que a Biblioteca pode, à sua conta, prestar. Os objectivos que lhe competem, ao ser criada e ao funcionar, devem ser múltiplos:

a) *Despertar e desenvolver, nas crianças e nos adolescentes, o gosto pela leitura;*

b) *Habituar os alunos a usarem os livros com dignidade e higiene;*

c) *Oferecer oportunidade, aos alunos, de ocuparem com proveito os seus lazes <sup>(2)</sup>;*

d) *Ensinar os educandos a servirem-se dos livros, conforme os casos, lendo-os, relendo-os, consultando-os ou folheando-os <sup>(3)</sup>.*

e) *Fornecer leitura complementar, susceptível de contribuir para uma melhor formação moral e intelectual dos educandos, assim como para a estimulação do seu espírito de iniciativa.* Está claro que esta acção pode ser mais ou menos profunda, conforme a categoria do ensino:

«No ensino em que mal se faz apelo à iniciativa e ao trabalho pessoal dos alunos, a biblioteca desempenhará um papel secundário. Destinar-se-á, principalmente, a proporcionar leituras agradáveis, recreativas e sãs aos alunos que gostem de ler, enquanto que os outros se limitarão aos livros indicados pelos professores, para complemento do ensino de certas disciplinas, em particular a literatura e as línguas. Onde o ensino for mais activo, a função da biblioteca, principalmente

<sup>(1)</sup> Sobre as vantagens dos museus escolares, suas finalidades e funcionamento, vidè: *Alguns problemas de Museografia: Museus Pedagógicos — Museus Escolares e Colecções Educativas*, pelo Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana, in *Novidades*. Lisboa, 23 de Maio de 1948.

<sup>(2)</sup> Considere-se que a *Comunidade de Trabalho para os lazes*, de Lucerna, tem, além de teatro e oficina de trabalhos manuais, uma biblioteca, onde se efectua conferencias, reuniões, discussões, etc. (Vidè *Vacances et Loisirs*, N.º 15, 15 Mai 1944; *Bulletin du Bureau International d'Éducation*, N.º 77, Genève, 1944, etc.

<sup>(3)</sup> Vidè Charles H. Judd, *L'École et la Bibliothèque*, in *Elementary School Teacher*, September, 1910.

nas escolas médias, secundárias e superiores tornar-se-á importante. Os alunos serão encorajados não só a pedirem romances de aventuras, ou a fazerem quaisquer leituras acessórias, mas a servirem-se da biblioteca como instrumento de trabalho. Ali farão buscas para trabalhos pessoais, históricos, geográficos, científicos, assim como literários e artísticos. Servir-se-ão, igualmente, dela para a preparação de representações teatrais, redacção do jornal escolar, etc. A biblioteca tornar-se-á, então, um auxiliar indispensável do ensino e da vida escolar, ao mesmo tempo que alargará o horizonte e estimulará os interesses dos alunos" (1).

f) *Ensinar a estudar e a aprender*, visto que a leitura, na biblioteca, deve ser, por vezes, dirigida e orientada.

g) *Ensinar a classificar e a catalogar livros, manuscritos, documentos, etc.* Este ensino obtém-se, levando os alunos a colaborarem activamente nas actividades biblioteconómicas, tais como: distribuição dos livros, colocação dos livros nos seus lugares, reparação dos livros que se encontrem em mau estado, elaboração de fichas, de catálogos, etc. (2).

h) *Ensinar a organizar bibliotecas.*

i) *Ensinar a organizar ficheiros pessoais.*

j) *Ensinar os alunos a servirem-se dos ficheiros e catálogos.*

\*

Para conseguir estes complexos objectivos, recorre-se, normalmente, a diversos meios, entre os quais avultam os seguintes:

a) *Recomendação prévia de leituras, por parte dos professores.* E' a leitura dirigida. Esta recomendação deve, porém, ser feita de modo sugestivo, para despertar o interesse e a curiosidade dos educandos.

b) *Prescrição prévia de determinadas leituras,*

(1) Conférences Internationales de l'Instruction Publique. *L'Organisation des Bibliothèques Scolaires.* D'après les données fournies par les Ministères de l'Instruction Publique. Bureau International d'Education, Genève, 1940.

(2) Entre os países que adoptam este sistema, citaremos: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Espanha, Finlândia, Grécia, Itália, Inglaterra, Suíça, etc.

como complemento do currículo escolar. É um processo que tem de ser usado com muita prudência, para não dar a ideia de coacção, e para evitar os *reflexos defensivos* dos alunos.

c) *Fixação de horas de leitura silenciosa ou de leitura comentada, conforme as idades mentais e temperamentos dos educandos.* Judd chama, a esta leitura, *leitura vigiada*. O aluno tem a liberdade de ler, consultar e folhear os livros que muito bem lhe aprouver. Mas esta liberdade deve ser vigiada com discreção.

d) *Realização de leituras parciais, comentadas pelo professor,* e que devem, posteriormente, ser prosseguidas pelos alunos. É um processo esplêndido, desde que o professor saiba ler, e formular perguntas sugestivas, para cuja resposta se tornará necessário continuar as leituras iniciadas pelo mestre.

e) *Concessão de prémios, aos alunos que hajam lido melhores livros e com mais aproveitamento.*

f) *Criação de círculos de leitura,* para a formação de bibliotecas pessoais, adaptadas às necessidades presentes e futuras de cada aluno.

g) *Conversas, extra-classe, sobre os livros lidos pelas crianças.*

h) *Execução das experiências indicadas nos livros, para os educandos relacionarem a leitura com a vida.*

i) *Realização de excursões e visitas de estudo esclarecedoras e complementares da leitura.*

j) *Realização de palestras breves e documentadas, sobre os livros, maneira de os ler, etc.* Segundo alguns autores, não basta familiarizar as crianças com os bons livros. Logo que elas hajam adquirido e consolidado este bom gosto, não seria despiciendo mostrar-lhes *por que são perniciosos os maus livros*. O que se torna indispensável é proceder com a maior prudência, para evitar excitações nocivas. O melhor processo consistirá em comparar um livro bom com um livro extremamente mau, de modo a que as crianças se sintam atraídas para o bom e enojadas ou revoltadas em face do vil, do torpe, do hediondo (1).

---

(1) Vidè J. Loewenberg, *Le peuple et les bonnes lectures*, in *L'E'ducation*. Paris, Septembre, 1911.

1) *Fornecimento de livros adaptados aos sexos, cultura, classes sociais, ambiente local dos educandos, pois sabe-se que, muitas vezes, o horror pela leitura resulta do fornecimento, às crianças, de livros inacessíveis à sua compreensão.*

m) *Leitura de iniciativa própria.* É o escalão último a ter em vista.

**Diversas categorias de bibliotecas escolares.** Para que estas bibliotecas cumpram, tanto quanto possível, a sua missão, torna-se indispensável adoptar, em cada caso especial, a categoria de biblioteca mais conveniente à natureza e ao grau do respectivo estabelecimento de ensino, assim como ao objectivo a atingir, o qual pode variar muito, como é evidente.

Vamos considerar, em seguida, algumas modalidades de bibliotecas escolares, de entre as que são, geralmente, adoptadas.

1.<sup>a</sup> *Bibliotecas gerais.* Recebem esta designação as bibliotecas que servem, sem distinção, todas as classes de qualquer escola, assim como os respectivos professores. São, portanto, *bibliotecas únicas*, que reúnem livros sobre todas as disciplinas, quer para as crianças, quer para os adultos, que, neste caso, são os mestres. Estas bibliotecas são as mais abundantes e as mais económicas, embora com inconvenientes sérios. Em alguns países, procuram evitar tais inconvenientes, criando secções para *alunos, para professores*, etc.

2.<sup>a</sup> *Bibliotecas especiais.* Estas bibliotecas, que também podem receber o nome de *bibliotecas por disciplina* ou *bibliotecas de referência*, reúnem, apenas, livros respeitantes a uma disciplina, especialidade, ou ciência, visando à investigação pessoal dos problemas. Organizam-se, por vezes, bibliotecas especiais de Geografia, de História, de Línguas vivas, etc. (1), as quais

---

(1) Estas bibliotecas são de concepção muito recente, e aparecem, a partir dos cursos secundários e nos cursos especializados e superiores, na Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Finlândia, Irlanda, Inglaterra, etc. Vidé VI Conférence Internationale de l'Instruction Publique. *L'enseignement des langues vivantes*. Bureau International d'Éducation. Genève, 1937.

podem existir isoladas, em qualquer estabelecimento de ensino, ou podem coexistir com as bibliotecas centrais. Algumas Universidades brasileiras, por exemplo, a par de *bibliotecas centrais, possuem bibliotecas especializadas* (1).

3.<sup>a</sup> *Bibliotecas para uso exclusivo dos professores.* Estas bibliotecas, que também recebem o nome de *Pedagógicas*, podem prestar relevantes serviços ao ensino, pois a arma do mestre — como acentua Archero — é *a sua cultura, adquirida pelo estudo diário* (2). Uma biblioteca pedagógica será, pois, uma biblioteca de trabalho especializado, e o seu fim diferenciar-se-á da biblioteca destinada aos alunos. Em alguns países, as bibliotecas escolares (e isto para evitar incidentes ou incompreensões entre alunos e professores) são divididas em duas secções, com duas salas de leitura, uma para os professores, outra para os alunos.

Estas bibliotecas são tão importantes, sob o ponto de vista pedagógico, que, numa Conferência Internacional, foi votada, há anos, a seguinte recomendação :

“E’ para desejar que cada estabelecimento de ensino, ou, pelo menos, o centro escolar de cada localidade, possua, para uso dos professores, uma biblioteca que disponha dos diversos manuais escolares de cada ramo, e para cada grau de ensino, a fim de facilitar uma boa escolha dos livros e uma útil experimentação dos diversos métodos” (3).

4.<sup>a</sup> *Bibliotecas para uso exclusivo dos alunos.* Esta categoria de bibliotecas é mais recomendável do que as bibliotecas gerais, pois permite que se lhes dê uma estrutura adequada. As crianças sentem-se, nelas, mais à vontade, e não há o perigo de verem ou requesi-

(1) Vidè o Decreto n.º 6.283, de 25 de Janeiro de 1934, que criou a Universidade de S. Paulo.

(2) Aquiles Archero Júnior, Assistente de Sociologia Educacional do Instituto de Educação da Universidade de S. Paulo, *Lições de Sociologia Educacional*. S. Paulo, 1936.

(3) Récommandation N.º 15 au Ministère de l’Instruction Publique concernant l’élaboration, l’utilisation et le choix des manuels scolaires, in *VII Conférence Internationale de l’Instruction Publique — Procès-verbaux et résolutions*. Bureau International d’Éducation, Genève, 1938.

tares livros, que só pelos adultos possam ser compulsados.

E' evidente que esta categoria de biblioteca escolar precisa de ser objecto, por parte do professor que a dirige, de uma atenção permanente: «numa biblioteca escolar — escreve Lombardo-Radice — só está viva a parte que, o mestre conhece: os livros que também ele leu ou a que atribui valor» (1).

5.<sup>a</sup> *Bibliotecas de classes.* Como a própria expressão o indica, a *biblioteca de classe* é privativa de uma classe, e não de uma escola. Cada classe organiza, por si, uma biblioteca instrutiva e recreativa, o que tende a despertar a emulação entre, as diversas classes, gerando um estímulo e um interesse novo, adentro da escola.

Estas bibliotecas constituem uma inovação pedagógica recente, mas já tentada em alguns países, com mais ou menos êxito (2). No entanto, verifica-se que *embora se esboce um movimento a favor das bibliotecas de classe, o tipo mais espalhado é ainda o da biblioteca geral* (3).

6.<sup>a</sup> *Bibliotecas rurais.* Podem receber este nome as bibliotecas instaladas nas escolas de zonas rurais, com um objectivo essencialmente agrícola. Sobre o seu funcionamento, na Grã-Bretanha, escreve uma publicação da especialidade:

«Ainda é preciso assinalar as bibliotecas provinciais rurais, que existem em quase todas as aldeias, proporcionando, simultaneamente, livros de interesse geral e especializado. Colocada nas mãos de um bibliotecário simpático e psicólogo — que é, muitas vezes, o director da escola da aldeia —, a biblioteca trabalha, realmente, para a educação campestre. Uma pequena região rural declara que o número de livros

(1) Giuseppe Lombardo-Radice, Profesor de Pedagogia en el Instituto Superior del Magisterio de Roma, *Lecciones de Didáctica y Recuerdos de experiencia docente.* Traducción de la 11.<sup>a</sup> edición italiana por Pablo Martínez de Salinas. Barcelona, Madrid, Buenos Aires, 1933.

(2) Entre esses países, avultam: Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Estados-Unidos, Finlândia, Irlanda, Inglaterra, Suíça (Cantão de Vaud), etc.

(3) In *L'Organisation des Bibliothèques Scolaires.*

emprestados passou de 15.027, em 1926/1927, para 252.594, em 1931/1932; a relação entre estas duas cifras pode considerar-se como típica para a campanha em geral» (1).

Aliás, também podem existir bibliotecas desta categoria, quer a título permanente, quer transitório, em escolas agrícolas e larárias (2).

7.<sup>a</sup> *Bibliotecas itinerantes.* Estas bibliotecas móveis ou circulantes, destinam-se a escolas afastadas dos centros urbanos, e que, por virtude da sua pequena categoria, não justifiquem a instalação de bibliotecas permanentes ou fixas.

As referidas bibliotecas são, em geral, constituídas por caixas contendo 40 a 50 volumes, e são enviadas às escolas mais afastadas, para assim as beneficiarem com elementos de cultura, adaptados às suas necessidades. As referidas caixas permanecem, nas escolas, entre 2 a 4 meses, e as colecções de livros são escrupulosamente seleccionadas, *no sentido de satisfazerem às necessidades especiais de cada escola ou instituição*, como informa a Repartição de Berna. Aliás, estas colecções atenderão à natureza especial da zona a que se destinam: serrana, marítima, industrial, agrícola, etc. (3).

8.<sup>a</sup> *Bibliotecas-modelo.* Recebem esta designação as bibliotecas que se destinam à organização de esquemas de pequenas bibliotecas para crianças, adolescentes e adultos. Uma vez organizados os referidos esquemas, percorrem o país, pondo-se em contacto com os professores e pais, a quem fornecem listas de livros, para a organização de bibliotecas particulares de recreio, de estudo, de artes e ofícios, de agricultura, etc. Durante as suas viagens através do país, estas bibliotecas organizam exposições de novidades literárias, difundem publicações económicas, procuram combater a literatura imoral, etc.

(1) *L'Organisation de l'Enseignement rural.* Bureau International d'Education. Genève, 1936.

(2) Vidè *Organização e situação actual do Ensino Agrícola feminino na Bélgica*, por Maria Amadora Ribeiro, in *Boletim do Ministério da Agricultura*, Lisboa, Julho 1923 — Junho 1924.

(3) Entre os países que recorrem a estas bibliotecas, citaremos: Austrália, Bélgica, Canadá, Luxemburgo, Nova Zelândia, União Sul Africana, etc.

**Seleccção dos livros.** A seleccção dos livros, destinados a qualquer biblioteca escolar, deve ser feita com o maior cuidado. Este problema tem de ser, por isso mesmo, encarado sob mais de um aspecto.

Em primeiro lugar, interessa estudar quem deve fazer a escolha dos livros. As soluções propostas, para este fim, são diversas, e todas elas apresentam vantagens e inconvenientes:

a) *Autoridades escolares.* Embora pudesse parecer, à primeira vista, que as autoridades escolares seriam as entidades indicadas para realizar a escolha dos livros destinados às bibliotecas escolares, o certo é que, na prática, o problema assume aspectos delicados, que não podem ser facilmente resolvidos pelas respectivas autoridades. Estas estão demasiado absorvidas pelo trabalho burocrático, para terem tempo e «sensibilidade» que lhes permita estudarem a questão em toda a sua amplitude.

b) *Inspecção das Bibliotecas.* Este organismo conhece as obras e está enfiado nos diversos problemas bibliográficos. Mas o que lhe sobra em condição, falta-lhe em tacto psicológico. A Inspecção das Bibliotecas conhece os problemas do livro em geral, mas não o problema do livro infantil.

c) *Conselhos escolares.* Esta solução tem vantagens, mas oferece inconvenientes. Os professores, em teoria, devem conhecer, melhor do que ninguém, as necessidades dos alunos. Mas, na prática, nem sempre assim acontece: deixam-se arrastar pelos seus interesses ou curiosidades, e a escolha dos livros ficaria sujeita aos acasos de uma votação ocasional e de critérios divergentes. Além disso, nem sempre os professores são bons pedagogos e psicólogos, mesmo quando são educadores primorosos. Há pormenores que lhes escapam.

d) *Bibliotecário.* Quando o bibliotecário for pessoa competente e dedicada, esta solução é excelente, embora não isenta de perigos. O bibliotecário pode ser *homem de uma ideia*, e como tal dirigir as aquisições num único sentido, enchendo um único sector, em prejuízo de outros. Pode, evidentemente, este



inconveniente ser atalhado pela acção moderadora do conselho escolar.

e) *Comissões oficiais.* Estas comissões nem sempre oferecem as necessárias garantias, pelo facto de a sua constituição ser algo heterogénea. Os seus membros são, em geral, pessoas escolhidas por amizade ou por influência política, e não por competência na matéria. Isto invalida, fundamentalmente, a sua capacidade.

f) *Especialistas psicólogos.* E' uma solução recomendável, onde eles se encontrem ou existam.

\*

A escolha dos livros, a figurarem numa biblioteca escolar, é um problema delicado, pois nela não devem existir quaisquer obras, cuja leitura possa ter carácter anti-educativo ou de qualquer maneira prejudicar os frequentadores da respectiva biblioteca.

Mesmo entre os livros da chamada *literatura infantil*, há muita coisa que não só é má, mas péssima. E o mesmo pode afirmar-se dos jornais para crianças, onde se encontram, com lastimosa frequência, contos e descritivos altamente desmoralizadores e nocivos.

Antes, pois, de qualquer livro ou revista ingressar na biblioteca de uma escola, há que examiná-lo com o maior cuidado e atenção, tomando em linha de conta:

- a) *O valor literário*
- b) *O valor moral*
- c) *O valor instrutivo*
- d) *O valor recreativo*
- e) *O valor gráfico*
- f) *A idade das crianças a que os livros se destinam*
- g) *A escola (categoria e grau) a que a biblioteca pertence*
- h) *O meio em que a biblioteca funciona.*

Urge considerar todos os aspectos da questão e conhecer os gostos infantis e adolescentes, sem a eles se subordinar. Muitas vezes o texto de um livro é

bom, e as ilustrações são condenáveis, e isto pode ser o bastante para o eliminar de qualquer biblioteca escolar.

Por esquecimento de tais regras é que as bibliotecas desta categoria estão, ainda, longe de atingirem os objectivos previstos, isto é: *levarem a criança a procurar o saber honesto por si própria* (1).

(Continua).

MÁRIO GONÇALVES VIANA.

---

(1) Vidè Jean Frolo, *Bibliothèques pour enfants*, in *L'Art à l'École*. Septembre-October, 1912.